Ano 2.º Numero 76 ✵ ✵ ✵ OITO PAGINAS ✵ ✵ ✵ Aveiro, 25 de julho de 1912

A LIBERDADE

Alberto Souto
Director

Republicano-Democratico

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

PROPRIEDADE DA EMPREZA A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

EDIÇÃO DO DIRECTOR

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

A REACÇÃO HESPANHOLA contra a Patria Portugueza

A autoridade, extremamente meticulosa no cumprimento dos seus deveres para com o governo da nação visinha, apreendeu-nos o ultimo numero deste jornal, em que vibrava a nossa alma de republicanos e de portuguezes, cheia de amor pela Patria e farta já de sufocar a sua revolta contra a indigna e desleal atitude do liberaloide de papelão, cinico e falso, que preside ao governo da Espanha. Aqui repetimos o nosso grito de indignação modificado apenas para evitar nova intervenção da autoridade. Não atacamos o povo hespanhol, não atacamos a nação visinha, nossa irmã, com a qual queremos a paz e a fraternidade. Atacamos apenas aqueles dos seus mandantes que nos teem afrontado, que nos véxam e nos ameaçam.

Os monarquistas portuguezes, sem amor patrio, sem pundonor e sem vergonha, servem-se da reacção do paiz visinho, do seu territorio, da protecção dos seus maus politicos e das cumplicidades das suas autoridades, das suas armas e das suas munições, para arremeterem contra a Republica!

A reacção hespanhola, inimiga da Liberdade portugueza, serve-se dos conspiradores monarquicos e da banditagem couceirista para dar em Portugal o ambicionado golpe de morte que garanta ao jesuitismo a preponderancia na Peninsula, que impeça o nosso desenvolvimento e prepare a absorção ou o aniquilamento da nossa nacionalidade.

Portuguezes: Morram os traidores!

Portuguezes: Morra a reacção hespanhola inimiga da liberdade nacional!

Portuguezes: Morra a reacção hespanhola inimiga da independencia da nossa Patria!

Cidadãos, soldados: a todos os que teem brios, a todos os que teem sentimentos, a todos os que teem dignidade e coragem, como tantas vezes o provaram no campo da batalha os nossos antepassados gloriosos e como a nossa propria geração, por mil sacrificios e por mil heroismos, o tem provado nos transes amargurados da Patria:

Morram os torpissimos inimigos da Republica Portugueza, os miseraveis inimigos da independencia da nossa Patria, sejam eles caciques de aldeia sertaneja ou presidentes de algum governo de paiz estranho sobre o qual a figura escanzelada de qualquer pode esfregar as botas realmente enlameadas no suor dos povos generosos e no sangue dos oprimidos revoltados!

Viva o povo hespanhol, honrado e digno, pacifico e trabalhador, irmão e amigo de Portugal!

Viva a Patria Livre!

Viva a Republica Portugueza!

CANALEJAS, O INIMIGO!

A reacção hespanhola ameaça a liberdade, o progresso e o futuro da nossa Republica, emancipada e livre.

EM DEFEZA DA PATRIA

A' quadrilha de salteadores armados em territorio estrangeiro, sob a protecção das autoridades da nação visinha, com armas e munições saídas das fabricas nacionais hespanholas que num arranco de féra esfomeada se veio esmurrar de encontro ás praças portuguêsas da fronteira do norte; á horda de barbaros e assassinos que em algumas povoações se ergueram comandados pela biltragem tonsurada, praticando os mais repelentes crimes e os mais hediondos actos de bandoleirismo, nada temos já que dizer.

A consciencia nacional julgou a sua malandratica selvageria e não crêmos que haja alguem, digno de lhe ser dirigida uma palavra nossa, que precise neste momento de ouvir mais reprovações desses atentados que só os criminosos desculpam e só os bandidos compreendem.

Escusamo-nos tambem de enaltecer demoradamente a bravura dos nossos soldados, desses herois que em Valença, em Chaves e em tantos outros pontos do paiz repeliram com denodo singular, com soberba galhardia, o ataque dessa abjecta quadrilha dos traidores da nossa Patria e dos inimigos da liberdade nacional que sopunham serem de lama todos os portuguêses e ser gangrena pestilenta o sangue quente e rubro dos soldados da Republica.

Neste momento canta-se já a vitoria consumada, bela e entusiasmante.

Coroam-se os herois, enaltecem-se os feitos gloriosos, ajustam-se as contas e castigam-se os criminosos.

Mas as armas manteem-se na mão, aperrados os gatilhos, atenta a vista, vigilante o olhar.

O perigo não passou, os ares não desanuvearam. A Republica portuguêsa não corre riscos, mas desenham-se ameaças serias contra a integridade da nossa Patria.

* * *

Não atribuimos á escandalosa protecção que o governo hespanhol tem dado aos conspiradores monarquistas, unicamente um estreito significado politico, de simples interesse de formulas de governo.

A guerra que a monarquia hespanhola nos vem fazendo não é dirigida apenas pela realeza e pela sua cáfila reaccionaria contra as nossas instituições republicanas e contra a nossa politica interna, liberal e avançada, como as mais avançadas do mundo.

Ha nesta questão, sem duvida alguma, um grande interesse dinastico, mas acima disso ha o interesse nacionalista hespanhol e a ambição da sua alta politica que julgou azado o momento para preparar aquele salto de tigre de que o general Weiler se tem feito o paladino, contra a nossa independencia e contra a integridade do nosso territorio.

A reacção hespanhola, cuja administração desastrada e cuja inepta politica deixou perder Cuba e as Filipinas, aquela monarquissima Hespanha que sofreu as derrotas de Cavite e S. Tiago, quer a todo o transe compensar-se com o territorio português, sua tradicional ambição.

E' certo que a empreza, mesmo diplomaticamente, parece dificil; mas essa reacção lembra-se das audacias da Austria anexando a Bosnia e a Erzegovina, do atentado da Italia conquistando a Tripolitana e dos cubiçosos sonhos coloniais da Alemanha e de outras potencias a quem convinha bem neste momento a desagregação do estado português.

Contrariada na sua expansão em Marrocos pela tenaz resistencia das tribus rifenhas que se batem encarniçadamente em defeza da terra que as viu nascer e tendo pela frente as dificuldades da diplomacia francêsa que não parece mais disposta a deixar-se enganar pelas subtilezas do gabinete do sr. Canalejas, á reacção espanhola convinha hoje mais do que nunca a guerra civil em Portugal e sobretudo derrubar um regimen que se propôz fazer a reorganisação das finanças, do exercito e da armada, como bases essenciais do desenvolvimento, da expansão e da prosperidade do povo português.

Essa Hespanha do sr. Canalejas, que não é a nação hespanhola, treme, e com razão, das nossas aspirações de progresso e, tendo visto, com perversa inteligencia, o caminho aberto ao nosso paiz pelo movimento de rejuvenescimento que se vai operando entre nós depois do 5 de outubro, tomou a resolução de o impedir, fomentando a perturbação, dificultando a marcha da Republica, auxiliando os conspiradores e procurando a paralisação dos nossos negocios e a nossa completa ruina.

O sr. Canalejas vê bem os esforços sinceros que nós estamos fazendo para nos erguermos do marasmo em que temos vivido.

O sr. Canalejas vê bem a situação preponderante que Portugal, com o imperio colonial que possue, poderá adquirir dentro em breve na Peninsula e na Europa se nos soubermos governar e se nos soubermos conduzir.

O sr. Canalejas vê bem a importancia que os nossos portos e as nossas posições comerciais e militares do Atlantico vão adquirir com o rumo que a civilisação europeia e o movimento moderno teem levado nos ultimos anos e sobretudo com o aumento das relações da Europa com as Americas e com o Oriente e com a abertura do canal do Panamá.

O sr. Canalejas vê bem que Portugal com um exercito e com uma armada como a Republica está preparando, passará dentro em poucos anos a ocupar na Europa uma posição de destaque, de respeito e de importancia, que lhe vai fazer enorme sombra.

Coberto com uma bandeira que flutue na ré dos mais invejaveis, aperfeiçoados e poderosos *dreadgnouths* e que marche no meio de cerrados batalhões de cavalaria, de infanteria e de artilharia, o nosso comercio tomaria inevitavelmente um desenvolvimento tão rapido e brilhante que bateria o comercio da nação visinha. Portugal teria fatalmente a hegemonia na Peninsula e a essa reacção hespanhola, imbecil, inepta, opressora e retrograda, não convem o nosso progresso, não convem a nossa resurreição, de que aliás se não arreceia a Hespanha livre, moderna e progressiva.

O sr. Canalejas viu isto e viu bem.

Tenta então perturbar a nossa vida e prejudicar todo o povo português.

O sr. Canalejas, então, ameaça-nos poderoso como se julga, a nós fracos e abatidos, como nos considera.

Mas o sr. Canalejas, engana-se.

Engana-se redondamente, juramos-lh'o!

Engana-se como se enganou a monarquia portuguêsa, decrepita, dessorada e velha, em 5 de outubro.

Engana-se como se enganou a monarquia couceirista em 29 de setembro de 1911 e na incursão de Vinhais.

Engana-se como se enganou agora Paiva Couceiro nos ataques a Chaves e a Valença.

Engana-se como se enganou em 1640.

Engana-se como se enganou o grande Napoleão, cujas aguias vencedoras nas mais brilhantes batalhas com os maiores exercitos da Europa, vieram caír feridas pelas escarpas das nossas serras e pelas aguas correntes das nossas ribeiras.

O sr. Canalejas, engana-se, juramos-lh'o!

Dentro de Portugal ha um povo que ama entranhadamente a sua Patria; ha um povo que ama loucamente a sua independencia; ha um povo que saberá morrer pela sua autonomia e fazer pagar cara qualquer ameaça contra a integridade do seu territorio.

Se o sr. Canalejas julga o povo português pelos traidores couceiristas, engana-se redondamente. E se quizer experimentar, que experimente.

Os nossos mortos erguer-se-hão dos seus tumulos para nos animarem nos combates!

Cantará nas nossas fileiras o estro de Camões!

A espada de Nuno Alvares será empunhada por cada um dos nossos soldados, por cada um dos nossos cidadãos que saberão verter o seu sangue pela liberdade do chão sagrado da Patria Portuguêsa!

ALBERTO SOUTO,
Deputado da Nação.

A apreensão da LIBERDADE

O numero de hoje

Este numero da *Liberdade* é de 8 paginas e insere grande parte da composição do ultimo numero, que foi apreendido pela autoridade nos correios e kiosques em virtude do nosso inergico protesto contra a atitude do governo hespanhol que tem infringido todos os principios do direito internacional e todos os elementares deveres de cortezia e lealdade para com uma nação com quem mantem relações diplomaticas.

Ler na 2.ª e 3.ª paginas: *Recordando. Os crimes e os roubos da monarquia. Contas dos adeantamentos, etc.*

Na 4.ª pagina: *Os funerais de Mendonça Barreto. O grande cortejo civico de domingo ultimo em Aveiro.*

Na 5.ª pagina: *Noticias varias.*

Na 6.ª pagina: *Os assassinatos monarquicos. Como foi morto o administrador de Cabeceiras. Descrição da revolta. Entrevista com um sobrinho do assassinado. No feudo do padre Domingos. A ocupação das terras rebeldes.*

OS FUNERAIS DE UM HEROI

O cadaver de Mendonça Barreto, o bravo administrador de Cabeceiras de Basto, foi conduzido ao cemiterio da sua terra natal, com as maiores honras da nação portugueza

Damos na 4.ª pagina noticia circunstanciada dos funerais de Mendonça Barreto, o martir da Patria que os padres e os revoltosos monarquicos de Cabeceiras assassinaram vilmente. Foram-lhe prestadas todas as honras oficiais. Os governadores dos distritos por onde passou o feretro acompanharam-no com as outras autoridades. O elemento civil e militar fez-se representar como na maior das consagrações sociais, bem como o governo e o Parlamento. A nação dignificou-se com tais homenagens, que só são devidas aos herois e aos martires da Patria.

A nação inteira curvou-se perante o cadaver do seu dedicado funcionario cuja memoria é um padrão de gloria para a terra que o viu nascer.

Que o seu exemplo frutifique e o seu sangue generoso sirva a cimentar a felicidade da nação portugueza!

Rodrigo Soriano em Lisboa

Chegou no domingo á capital da Republica o grande amigo de Portugal que é Rodrigo Soriano, deputado da nação hespanhola. A recepção que o povo lhe fez no Rocio foi grandiosa.

Rodrigo Soriano é na verdade bem digno da admiração e da estima do povo português pelo que tem feito em defeza da Republica e da dignidade da nossa Patria.

Saudamo-lo.

RECORDANDO

O que pretendiam os bandidos restaurar?

A monarquia miguelina? A forca? Os fuzilamentos? O santo oficio? A inquisição? O retrocesso? O passado? A ignominia? Sim, com a administração do constitucionalismo, os vicios dos Braganças, os crimes e os erros da monarquia dos adeantamentos! Sim, com o punhal, o veneno, a traição, a desordem e o assassinato! O sangue e a roubalheira, a opressão e o jesuitismo!

AS FORCAS

A' moderação de Povoas no Porto respondeu o governo creando os tribunais especiais por todo o reino: inquisição politica para descobrir e julgar os crimes de apostasia ou de tibieza na religião ardente do absolutismo apostolico. Para o Norte foi uma Alçada bem escolhida, de magistrados que não mentiram, como o general mentira, aos desejos sanguinarios da rainha e dos seus sequazes.

Emquanto no Porto a Alçada dispunha as cousas para a tragedia de 7 de maio (1829), em Lisboa o episodio de uma sedição abortada veio acirrar ainda mais a exaltação dos energúmenos. Palmela, de volta a Londres com os tres mil emigrados ás costas, vendo-se burlado pelos amigos toris a quem tão bem servira no Porto, dispondo do dinheiro do Brazil e corrigido pela proclamação francamente revolucionaria de D. Pedro (25 de julho de 28) reconheceu a impossibilidade de fazer cousa alguma com D. Miguel, a quem os toris decididamente protegiam. O proprio que sufocara a Junta, era quem seis mezes depois apelava para uma sedição em Lisboa.

D. Miguel jazia então doente no leito, e os absolutistas andavam desnorteados na iminencia de uma crise. O momento era azado, mas tudo o mais adverso. A conjuração foi uma farça triste e ridicula, apenas tomada a serio pelos juizes ferozes que enforcaram alguns desgraçados.

Em Lisboa, que era o fóco do miguelismo, não havia já um soldado de que se podesse esperar. O exercito fôra expurgado: tinham regressado os apostolicos de Espanha, tinham emigrado os regimentos liberais, e além da Linha, hav a a coorte fiel e decidida dos Voluntarios, já organisados em todo o reino. Palmela gastou vinte e cinco mil libras com intrigantes e com a brigada de marinha, (Maia, *Mem.*) o corpo mais plebeu, menos militar de Lisboa, formado com o refugo do recrutamento do exercito, e cujos soldados, vestidos á francesa — calça branca, talabarte com espada, casaca asul aberta com bandas vermelhas e grande barretina com penacho vermelho colossal *(Sketches of port. life*, anon.) — eram os queridos das tabernas, nas vielas da reputação má, arruaceiros e bebedos. Tal era a tropa com que Palmela se dispunha a sublevar Lisboa.

Como chefes, que foram sugando o diplomata emquanto a comedia durou, havia um rapazote estrangeiro sem merito nem credito, havia fidalgas, havia a bordo de uma fragata no Tejo o antigo Ferreira Borges, perdido e desacreditado para todos os partidos. (Maia, *Mem.*) Fôra o procurador da companhia dos vinhos nas côrtes de 20; e depois, retirado em Londres, redigira o *Popular* e o *Correio interceptado*, onde á morte de D. João VI defendera a legitimidade de D. Miguel, desdizendo-se mais tarde em Paris nas *Duas palavras* a favor de D. Maria II. Ferreira Borges planeava repetir no dia 9 de janeiro um 1.º de Dezembro, e o caso era tão sério que ninguem o ignorava em Lisboa, todos riam, e os garotos da capital comentavam. (Maia, *Mem.)*

Não riram porém os juizes ferozes que, para se vingarem em alguem, escolheram entre os réus uma creança de 19 anos, (Chaby V. *Excerptos histor.* notas) Os intrigantes, vendo o ar tragico da farça, escaparam com o dinheiro sacado a Palmela. (Maia, *Mem.*) com medo de João Paulo Cordeiro que positivamente prometia «fazer em azeite os malhados todos e alumiar-se com ele». (*Apont. da vida, etc.*) Foi a 6 de março que os cinco infelizes condemnados á forca (Moreira, Braga, Perestrelo, Chaby, Scarnechia) padeceram no caes-do-Sodré. Houve festa nesse dia nas casas donde se via a função: visitas, doces, copinhos de licôr; e as damas que adoravam a rainha, vestidas de azul e vermelho, debruçavam-se das janelas, de oculo, como num teatro, para ver a morte dos desgraçados balouçando-se na forca. (*Apont. etc.*)

Com os réus de morte vieram mais seis, degradados por toda a vida para a Africa, e condenados a assistir á execução: um era filho do brigadeiro Moreira, da Marinha, que observou a cabeça do pae espetada no patibulo. Além dos enforcados, além dos degradados, houve outros mortos: a viuva do brigadeiro, de aflição, e o pae da infeliz creança executada que se suicidou . . .

Palmela reconheceu então que o unico destino da gente que o incomodava em Inglaterra era expedil-a para o Brazil—se D. Pedro e os brazileiros os quizessem lá.

A forca pede forcas—tradução revolucionaria do fatigado adagio latino. Dois meses depois da tregedia de Lisboa veio a do Porto, remate das obras meritorias da Alçada no dia 7 de maio.—(Desse tribunal resultou o pronunciamento de 8:247 pessoas, das quais 12 foram enforcadas (6 de maio e 9 de outubro), 48 morreram nas cadeias, 244 foram degredadas, 32 estavam ainda na cadeia em 9 de julho de 32 á chegada do exercito de D. Pedro. (V. Secco, *Mem.)*

A terrivel sentença condenava dez dos réus a morrerem no patibulo, devendo (com mais razão) partilhar a mesma sorte os contumazes, fugidos para Londres no *Belfast*. Era um longo rol de mortes, comentadas com requintes funebres. As cabeças dos justiçados seriam decepadas, e distribuidas pelo Norte, onde a sedição lavrara, como resposta ao insulto: duas á Praça-nova, nos patibulos, tres a Aveiro, duas á Feira, mais uma á Foz, outra á praça da Cordoaria, no Porto, e a ultima a Coimbra, onde ficou espetada em um pinheiro na praça de Samsão. (M. Carvalho, *Hist Contemp.)* As cabeças dos contumazes deveriam ser pregadas em postes ao longo da praia, entre Leça e a Foz, viradas para o mar—quando as colhessem ás mãos. Carlota Joaquina começava a regosijar-se. Os frades e a plebe tinham trucidado em Vila Viçosa uma leva de 70 presos que ia de Lisboa para Elvas: (Monteiro, *Hist.)* era um processo ainda mais sumario do que o dos tribunais mixtos!

Com os condenados á forca havia no Oratorio outros, com a pena já comutada em degredo como Pestana, ou em prisão perpetua como Bandeira, o Bocage minhoto em quem brotava a *vis* poetica popular. Por um requinte de crueldade deixavam-nos agonisar no Oratorio, para só depois lhes dizerem que, forros da morte, deviam assistir de alva e corda á morte dos companheiros . . . Eles no Oratorio resavam, choravam; e o minhoto *liberal*, com a velha religião abalada, ouvia cantar dentro de si o antigo genio *celtico*, vago, de uma natureza mistica

Quando sobre a negra escada
Vires meu corpo tremer,
Dá desconto á natureza
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Na manhã do dia 7, pelas dez horas, saíram processionalmente da Relação para a Praça-nova onde havia duas forcas armadas: eram demasiado para uma só. Tropas abriam o prestito; depois a irmandade da Misericordia com o seu painel erguido; em seguida padres e frades, psalmeando latim funebre num canto-chão rouco; logo a tumba, pintada de negro com os emblemas mortuarios herdados do paganismo: a ampulheta, a foice, a caveira; depois um alto crucifixo erguido, com a figura voltada para os réus que vinham ladeados de frades, arrastando-se vivos ou agonisantes, nas suas alvas longas, de capuz caído sobre as costas, com a corda que os afogaria passada á cintura, ligada num molho sobre as espaduas, e um pequeno crucifixo nas mãos atadas . . .

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Tropas encerravam o cortejo, e depois delas o povo cantando em côro—Miserere! Miserere!

No dia 7 a plebe cantava tambem, em salvas estrepitosas—Viva D. Miguel I! e das janelas dos Congregados e dos Loios respondiam, acenando lenços, os frades e toda a gente que as atulhava, debruçada para assistir á função. (Monteiro, *Hist.*) Mas pelas ruas as lojas tinham-se fechado, as calçadas viam-se desertas, e a solidão, o silencio da cidade diziam tambem—Miserere! Miserere!

Na Praça-nova havia duas forcas. Esses patibulos eram uma construção simples: dois madeiros a prumo, enterrados solidamente no chão, e uma trave horisontal, ligando-os nos topos. Da trave ao chão, uma escada larga, onde coubessem os dois carrascos, o paciente e o frade. Em roda dos patibulos estavam os condenados, nas suas alvas, com a cabeça e os pés nus, e dois ou tres padres confessando-os, absolvendo-os em nome do ceu proximo, dependente de um nó corrido na garganta. E os frades sabiam, viam, claramente, sem a minima duvida, o que estava para além desse nó: glorias inefaveis, eternas!—mas desmaiariam, como abatidos, quasi mortos, desmaiavam os condenados . . .

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

se os condenassem, a eles, á eterna gloria . . .

De um lado ficavam os meirinhos e escrivães, de capas e batinas negras, calção, meia e sapato afivelado, «para pôr sua fé no feito» como diz a Ordenação, de outro os clerigos, em côro, num tom de rufar de trovões distantes, psalmeavam: *De profundis clamavi ad te . . . De profundis* . . . Os carrascos, nos degraus das escadas, esperavam; e em quadrado as tropas, enfileiradas, de arma ao hombro, formavam um cordão unido, monstro dentado de baionetas, de cujas escamas de aço o sol, indiferente á loucura humana, tirava faíscas. Dizia-se um nome, e o carrasco apoderava-se de um homem, seguído por um frade resando-lhe ao ouvido . . .

Este corpo que abraçaste
Que já foi o teu prazer,
Vae tornar-se em pó, em terra,
Adeus, Marcia, eu vou morrer!

Subiam as escadas; a meia altura, o carrasco tapava a cabeça ao desgraçado vestindo-lhe o capuz branco, pendente nas costas, atava-lhe os dois pés . . . Rapido! Breve! passava-lhe o nó na garganta, enrolada a corda na trave da forca, e sobre o vulto branco, sem forma viva, nem vida talvez, erguia a perna, montava nas saliencias já moles dos ombros, com o pé afastava-se da escada . . . a figura singular do homunculo a cavalo num fardo branco, baloiçava-se no ar, sem um ruido, placidamente. Não era mister que os tambores rufassem, porque os clerigos rufavam o seu cantochão — *De profundis clamavi ad te, Domine* . . . e a plebe na rua e as senhoras nas janelas soltavam aclamações: Viva D. Miguel I! Viva a Santa Religião!

Enforcar um homem gastava meia hora, e como eram dez, em duas forças, o serviço acabou pela uma.

Quando os juizes mandavam que os corpos fossem queimados, ao lado das forcas havia a fogueira. Era uma pilha de tojo e barris de alcatrão, e sobre ela uma plantaforma de taboas, onde os carrascos iam depôr os vultos brancos enforcados. Lançava-se fogo, e a labareda subia; de começo nada incitava a curiosidade, mas assim que a chama rebentava os laços dos pés e dos pulsos, começava-se a ver erguerem-se as pernas, os braços—dir-se-ia para o céo, pedindo perdão, ou vingança! A plantaforma lambida de chamas era uma ceara de membros humanos que a labareda movia, como a aragem faz pelos campos os rebentos das arvores ainda tenros. Pareciam vivos, os mortos . . . E depois de tudo consumido, e apagada a fogueira, o carrasco ia cumprir a formula juridica, tomando um punhado de cinzas, dispersando-o ao vento, ou lançando-o ao mar. *(Sketches, etc.)*

No Porto não houve queima. A sentença, mandando apodrecer os cadaveres nas suas covas, dava-lhes um destino similhante ao dos vivos que os personagens mandavam apodrecer sobre as palhas imundas e piolhosas do barracão de Plymouth. Era o que restava da Junta; era o rasto dessa viagem do *Belfast*, singular, aventurosa . . .

A forca trabalhava na Praça-nova. Descera o primeiro, subira o segnndo, o terceiro, do mesmo modo até dez . . .

Adeus, Marcia, eu vou morrer!

E o poeta que, na sua alva branca, descalço, com a corda á cinta e o crucifixo nas mãos, assistia ás mortes sucessivas, tinha diante de si um montão de vultos brancos, fardos rolados no chão. Se

. . . vires meu corpo tremer
Dá desconto á Natureza!

O carrasco sacara do bolso a navalha e curvado ia tirando de cada fardo uma cabeça congestionada e ainda quente. Estavam em linha, nas suas varias fisionomias, esperando o destino marcado na sentença; os troncos decepados eram metidos em caixões, empilhados na tumba negra com emblemas pagãos. A' 1 hora acabára tudo; e sobre a trave, em cada uma das forcas, via-se uma cabeça cortada—para exemplo. Outra estava num mastro na Cordoaria, outra na Foz. As restantes tinham sido distribuidas, como já disse.

Faltavam as dos personagens para bordarem a praia até Leça.

Mais tarde, em 9 de outubro, ainda o Porto viu a execução de mais dois dos réus da Junta. A cabeça de um deles foi mandada erguer num poste deante das janelas da mãe desolada. (Secco, *Mem.)* Eram canibais? Não eram. Eram sómente apostolos: apostolos como o tinham sido mas de uma religião diversa, Robespierre e Fouquier Tinville. Os absolutistas que não ardiam nesse fogo revolucionario, lamentavam, choravam, protestavam contra a sorte do reino entregue ás mãos de um bando de desvairados. E, apesar de vencidos, tanto fizeram, que alcançaram moderar a furia, sem conseguir amansar os loucos. A forca descansou, até que a guerra veiu tornar a aclama-la. Mas o Terror, ou por cobarde ou reprimido, não podendo cavalgar sobre os ombros dos condenados, tornara-se em um sistema perfido e ignobil de perseguições que enchiam as cadeias e engrossavam a expatriação. Perdido o sizo, essa gente, aplaudindo os que fugiam deixando os bens para confiscos e sequestros, deixando *pura* e *limpa* a atmosfera apostolica: essa gente não via que a população do exilio e das cadeias era a nova nação inimiga, irreconciliavel, que todos os dias crescia (1) ganhando forças, e a segurança duma victoria final inevitavel.

Se a crueldade horrorisa, a pequenez vil com que os presos eram martirisados, repugna. Amontuando-os nas masmorras, e picando-os a toda a hora com insultos, maus tratos e tentações, os tiranos esperavam dobrar, *educar* esses animos rebeldes, essas almas pervertidas pelo maçonismo. Quem ensinara tão diverso método? O educador moderno, o jesuita, com o *Directorio* de Almaviva nas mãos. (*Historia de Portugal*, 3.ª ed., II, pp. 83 e segg). D. Miguel, ou quem em seu nome governava, chamára-o para missionar e converter os perdidos. Fr. Fortunato puzera a sua pena ao serviço deles *(O Defensor dos Jesuitas)*. Tinham chegado a Lisboa (13 de agosto, 29) e depois do cerbero da Torre, o Teles Jordão, preparar com inauditas violencias e torpezas o animo dos prisioneiros, foram vel-os, convidando-os, piedosa, cuidadosamente, a renegar arrependidos, os seus erros. (1832, Lopes, *Hist. do capt*).

Oliveira Martins.

(1) O *Courier* calculava assim em julho de 31:

Nas prisões do reino . .	26.270	pessoas
Deportados em Africa . .	1.600	»
Enforcados	37	»
Contumazes	5.000	»
Emigrados	13.700	»

A monarquia e o desenvolvimento economico do paiz

Falando sobre a economia do paiz e analisando as nossas importações e exportações entre os anos de 1880 e 1910, chegámos nós, pelos nossos calculos aqui feitos, á conclusão de que nesse curto espaço de 30 anos tinhamos sofrido uma sangria de 600 mil contos de réis. Vimos que as exportações apenas duplicaram nesse tempo emquanto as exportações triplicaram, o que demonstra o nosso atrazo na produção da riqueza.

Comparámos o nosso comercio geral com o de outras nações da Europa de menor ou egual população e territorio, comparámos a nossa percentagem de analfabetos, os nossos serviços publicos, e os leitores lembram-se talvez dos tristissimos resultados a que chegámos, demonstrando a nossa humilhante inferioridade.

A tatica dos jesuitas

Astutos como são, os jesuitas, escondendo-se bem para não serem vistos manejar a maquina complicada da sua influencia, conseguem sempre arranjar remotos instrumentos da sua arte danada, e pelos mais dissimulados ardis inocular em boas almas perversos intentos, em criaturas ingenuas nefastas loucuras e arranjar assim um exercito de conscientes e inconscientes servidores que lhes vão preparando o terreno para o virus peçonhento da sua ação.

Tôrpe e covarde, habil e prudente, conhecendo bem as paixões humanas e a forma de as fazer mover e aproveitar, o jesuita não perde nem um instante, nem um elemento, para conseguir os seus fins e lançar os tentaculos vigorosos e peganhentos, subtis e fortes, impercetiveis e seguros do seu poderio.

Que pretendem os bandidos?

Os conspiradores o que querem? Restaurar o regimen que esbanjou os dinheiros da nação? O regimen que roubou o povo? Que arruinou o paiz? Que cometeu erros e crimes de toda a especie? Que fez uma divida de 880 mil contos? Que deixou o paiz desiquilibrar a sua economia em 660 mil contos durante 30 anos?

Que nos legou 75% de analfabetos?

Que fez os adeantamentos?

Que nos deixou sem escolas, sem artificies, sem marinha, sem exercito, sem viação, sem portos, sem obras doloniais?

E' isso o que os conspiradores querem restaurar?

Pois se é, vamos a isso, srs. conspiradores da monarquia! Aqui teem as suas razões!

Em que se gastou o dinheiro da Nação?

O que é a nossa divida publica

A monarquia consumiu em 80 anos de constitucionalismo outorgado, além dos rendimentos publicos, 880.000:000:000 réis!—oitocentos e oitenta mil contos de réis!

O sudario dum povo

RESUMINDO:—Soma dos deficits economicos nacionais, diferença entre os importações e exportações de 1880 a 1910—635.636:200:000 réis.

Soma dos deficits financeiros, nos orçamentos gerais do Estado, de 1860 a 1910—réis 330.927:000:000.

Soma das receitas gerais, produto dos impostos e rendimentos publicos de 1860 a 1910 — réis 1.804:045:000:000. — Um milhão, oito centos e quatro mil e quarenta e cinco contos de réis.

Divida publica em 1910—réis 875.870:077:789. (Habit.es 5.500$; analfabetos 4.200$000). Divida de cada habitante—120:479 réis.

Restaurem, pois, a monarquia!

MOVIMENTO POLITICO? NÃO.

Apostasia patriotica, traição de renegados, vingança de inimigos da nação portuguêsa!

A conspiração acoita-se em terra estrangeira, obriga o povo português a constantes despezas de defeza, faz o descredito da sua Patria no estrangeiro, promove alarmes nos fundos, dificuldades nas transacções, desperta cubiças sobre as colonias, preconisa intervenções do estrangeiro e quer fóros de movimento politico!

Quem assim procede não póde ser tratado senão como traidor desprezivel, como criminoso vulgar, réu de todos os crimes, responsavel da desordem e da desgraça de uma nação inteira.

NO PARLAMENTO

OS ROUBOS DA MONARQUIA

Roubos! Crimes! Lama!

Teem sido tremendas as sessões parlamentares.

As declarações dos srs. dr. Artua Costa, Barros de Queiroz, João de Menezes e Afonso Costa sobre adeantamentos, fraudes e roubos feitos á nação pela familia real e seus aulicos, causaram impressão enorme.

O paiz foi governado por uma verdadeira quadrilha de ladrões, disse o sr. dr. João de Menezes!

A comissão de inquerito de que o ilustre deputado faz parte, encontrou ordens de pagamento, recibos ilegais e desaparecimento de dinheiro na importancia de mais de

35.000:000$000 réis!

As esmolas da casa real, a pensão á ama do principe, etc., tudo era pago pelo Estado!

Ha documentos que provam que todas as pessoas que a familia real dizia beneficiar, recebiam não da familia real, mas directamente dos ministerios!

Encontraram-se ordens de pa-

gamento de quantias fabulosas, escritas a lapis!

Para levantar dinheiro bastava uma carta da casa real, uma simples ordem do presidente do conselho, uma miseravel nota a lapis!

De 1880 para traz é extraordinario o que foi roubado dos cofres da nação.

Pelo ministerio da guerra roubaram-se centenas e milhares de contos!

As contas do porteiro serviram para todas as poucas vergonhas. No entanto, o porteiro era honrado e apresenta em ordem todas as suas contas!

Pois houve quem recebesse para carruagens, pela conta do porteiro, 2.000$000 réis!

Nos adeantamentos a particulares não ha menos crimes. O sr. Conde de Lagoaça recebeu 100 contos de réis roubados aos cofres do paiz!

A embaixada á China custou 40 contos!

Obrigaram a condessa de Edla a restituir uma joia de D. Fernando. Depois deram-lhe, para a compensar, uma alta pensão!

Ha particulares que só em 1950 poderão pagar o que devem ao Estado e o que dele receberam a titulo de adeantamentos!

Uma comissão a investigar todas as fraudes e roubos praticados nas repartições do Estado e ao Tesouro Publico, só trabalhando durante 5 anos poderá descobrir todos os crimes e descriminar todas as verbas.

O sr. João de Menezes, que prova as suas afirmações, diz que a Camara e o Paiz teem á sua disposição todos os documentos que provam as suas palavras e o saque feito ao tesouro pela quadrilha monarquica.

A Camara resolveu entregar aos tribunais a liquidação das dividas da familia de Bragança ao Tesouro Nacional.

E não se ha de restaurar a monarquia? Vamos a isso, heroes do roubo, do crime, da lama e da desvergonha!

(Da *Liberdade*, de 31 de agosto de 1911).

Defender a Republica, é defender o futuro da Patria Portuguêsa!

Os proprios monarquicos, se conseguissem derrubar a Republica, não poderiam viver nesse ambiente de crimes, de dissolução e indisciplina em que teem urdido a sua conspirata, e ou este paiz se transformava em suas mãos num covil de criminosos, onde á larga campeava a tirania politica por um lado e o assassinato, a perseguição, a desordem, o roubo, o assalto e a indisciplina por outro, ou eles faziam a ordem politica desterrando e fuzilando os republicanos, os suspeitos e os honestos, fechando os seus centros, suprimindo os seus jornais e faziam a ordem social carregando em todos a começar pelos seus proprios herois que estão recrutados no mais asqueroso das alfurjas.

Acostumados a *dar para baixo* e ás *pontarias ao centro do alvo*, acostumados ás chacinas do Povo como as do 31 de janeiro, as de 1.º de dezembro, do 4 de maio e de tantas outras carnificinas e ás condenações rigorosas dos republicanos como as dos bravos da revolta do Porto, dos nossos jornalistas e dos implicados nas sociedades secretas, eles saberiam o que fazer no caso de vencerem.

Pois é preciso obstar, não a que eles vençam, que para isso tudo lhes faltará emquanto os republicanos quizerem, mas a que a anarquia da conspiração continue perturbando o paiz e pondo em risco a nacionalidade.

E' preciso defender a Republica, porque defender a Republica é defender o futuro da Patria Portuguêsa.

A conspiração monarquica é a dissolução e a desordem!

O que se está passando em Portugal é um sintoma de anarquia e dissolução que amedronta não os paladinos de um regimen, ou de um sistema politico, mas todos os membros de uma sociedade e todos os honestos e sensatos portuguêses.

A divida nacional comparada

A grande obra da monarquia!

Digam os restauradores em que se gastou o dinheiro do povo?

Vejamos o seguinte quadro comparativo que é devéras edificante:

PORTUGAL, divida por kilom. quadrado	7:207$014 réis
por habitante	120$479 »
Holanda—por kilom...	430$038 »
por habitante	2$365 »
Alemanha—por kilom..	2:188$710 »
por habitante	18$216 »
Espanha—por kilom...	3:368$550 »
por habitante	87$056 »
Inglaterra—por kilom..	10:505$817 »
por habitante	71$501 »
Belgica—por kilom....	22:597$039 »
por habitante	88:881 »
Franca—por kilom....	11:036$537 »
por habitante	149$561 »

Donde se conclue que, á exceção dos francêses, cuja divida tem a justificação que aqui lhe temos dado, cada cidadão português deve muito mais que qualquer dos das outras nações muito mais ricas e adeantadas.

Devendo cada português, quer seja uma creança de 2 mezes, quer seja um velho de 80 anos, nada menos de 120$479 réis como parte que lhe pertence na divida nacional, uma familia de 5 pessoas deve nada menos de 622$395 réis de que tem, como nós todos, que pagar os juros e as respectivas amortisações.

Perguntamos: ha alguem que possa provar que o povo português goza dos beneficios materiais ou morais correspondentes a semelhantes encargos e a tão pezados sacrificios?

Ha alguem que possa provar que esse dinheiro foi bem aplicado, em proveito do povo e da nação?

Se ouver quem o prove porque se não ha de restaurar o regimen dos adeantamentos?

Vamos a isso, pois, senhores conspiradores da monarquia?!

MOVIMENTO POLITICO? NÃO!

Maquinações de sicarios, assalto de bandoleiros!

A conspiração promove a desordem das ruas, as explosões alarmantes, a parcialidade dos tribunais, a guerra religiosa, a indisciplina dos quarteis, a rebelião das gentes ignorantes, o envenenamento dos oficiais, o relaixamento dos empregados publicos, o retraimento dos negocios e pretende fóros de movimento politico!

50 anos de gerencia monarquica

50 anos de roubos e perdularismo

Pelos resumos que temos extraído do notavel parecer da Comissão Parlamentar de Finanças, poderão os nossos leitores vêr, mais uma vez, como são bem fundadas as acusações que á administração monarquica temos feito e a razão com que se fez a Republica para pôr um freio ao delirio de perdularismo que nos arrastou para a mizeria e para a vergonha durante esses calamitosos 50 anos de gerencia monarquica.

De 1860 a 1910 gastou-se á farta. Fechavam-se os orçamentos com *deficits* colossais sem a menor preocupação. Aumentou-se assim pavorosamente a divida publica, aumentaram-se cruelmente os impostos, sobretudo para as classes menos abastadas, tornou-se toda a vida interna carissima e dificil sem nunca se cuidar a serio do desenvolvimento da riqueza nacional, antes deixando desbaratar e decaír todas as fontes de vitalidade economica do povo português.

Consumiram-se as receitas publicas, consumiu-se o dinheiro dos emprestimos sem nada de util e de verdadeiramente produtivo se dar á nação que se possa comparar com o que nos outros paizes se encontra.

A burocracia invadiu tudo, dominou tudo, absorveu tudo. Meio mundo se fez empregado publico sem nada fazer, para devorar.

Desde os reis, até aos afilhados dos politicos, tudo devorou á larga. Serviços publicos uma mizeria. Que importava? Os bandos politicos andavam contentes. O dinheiro não chegava para tal regabofe? Que importava? Pedia-se emprestado. Mas isto aumentava as dividas de uma casa cheia de dividas, prestes a falir? Que importava? Era comer emquanto havia. Depois, depois...—a Republica que construa em dois anos aquilo que os outros levaram 50 a devastar!

Povo português, olha para isto!

Homens honestos do regimen passado, vejam-se a este espelho!

E não se ha de restaurar a monarquia?

Vamos a isso, srs. conspiradores. Mas depois de defenderem a honestidade da obra que a monarquia fez, se forem capazes!

Recordemos:

D. Carlos recebeu ilegalmente 3.246:741:916 réis de adeantamentos. Até hoje esse dinheiro não foi pago á nação pelo sr. D. Manoel de Bragança, seu herdeiro.

Será para entrarem com esse dinheiro roubado á nação, nos cofres publicos, que os bandidos conceiristas fizeram a incursão de Chaves, o ataque de Valença e os assassinatos de Cabeceiras de Basto?

OS TRAIDORES

Olho por olho, dente por dente!

O padre Domingos que comandou o assassinato de Mendonça Barreto em Cabeceiras de Basto, aderiu á Republica, fundou um centro *republicano* e dizia-se grande amigo do infeliz administrador do concelho.

Todos os conspiradores de Aveiro pertenceram a um centro que aí fundaram e que pretenderam fazer passar como republicano.

O juiz de Valença, Assis Teixeira, dias antes de fugir para a conspirata da Galiza, tomou parte e discursou num banquete republicano.

Os de Azoia diziam-se amigos politicos do governador civil de Leiria.

Todos os oficiais que estão em Espanha com os conceiristas juraram pela sua honra acatar e defender a Republica.

Paiva Couceiro, o proprio, tinha jurado respeitar o novo regimen.

Todos os portuguezes que entraram em Vinhais, que atacaram Chaves e Valença, conspiraram em terra hespanhola, saíram de territorio estrangeiro para atacar a sua Patria e matarem os soldados do seu paiz, pediram a protecção do governo da Espanha, serviram-se de armas, peças e munições das fabricas nacionais do reino visinho!

* * *

«Mas ai! dos traidores!

Olho por olho, dente por dente. O traidor é a covardia, a infamia, a hediondez. Com esses não transigimos. Repugnante como um dejecto, nojento como a entranha combalida.

Alma de reptil, esterquilinio imponderalisado, ha-de ter por epitafio um escarro, lançado sobre o seu remorso, a sua ignominia, sobre a miseravel lembrança da sua abjecção.

Judas pendurado de uma figueira não encontrou descanço. Açoita-o, baloiçando-o aos assopros brutais do escarneo, ainda hoje, a alma da traição. Persegue-o pela historia, persegue-o pela eternidade.

Evita-o a alma mais leprosa, enxota-o o bandido mais criminoso.

A alma mais leprosa é pura na frente do traidor; o bandido mais criminoso, é santo em seu cotejo.

Que fica do traidor? qualquer coisa que cheira mal quando se lê o seu nome. Para ele nem uma complacencia, nem um momento de descanço. Ai, pois, dos traidores, de todos aqueles que se dizem republicanos para estrangular a Republica, para ferir os republicanos dentro da Republica!»

(Do 1.º numero d'*A Liberdade.*)

RECORDEMOS:

«A Casa Real, em todos os tempos esbanjadora, tem tido nos ultimos tempos muito singulares apertos de dinheiro!»

Disse o orgão monarquico regenerador *Diario Popular*.

Pois a essa Casa Real pretendiam os conspiradores entregar de novo o Paiz que fez a Republica e que quer a Republica porque quer viver e progredir!

A GRANDE ADMINISTRAÇÃO

Glorias monarquicas

A Divida Publica

Vejamos o que, sobre a nossa divida, diz o relatorio da Comissão Parlamentar de Finanças que aqui classificámos de notavel e que, repetimos, precisa de ser conhecida de quantos se interessam pela vida da nação.

«Os emprestimos são uma necessidade resultante na luta entre produtores, entre Estados. São necessidades da civilisação dos povos.

Quanto mais os povos se desenvolvem moral, intelectual e materialmente, mais eles precisam de se precaver contra a concorrencia dos outros.

Se, porém, os governos da monarquia portuguêsa só tivessem contraído emprestimos para ocorrer aos encargos desses melhoramentos, o total da nossa divida publica estaria sem *quantum* muito inferior ao que é na realidade.

Se todo o dinheiro pedido ao credito tivesse tido aplicação nos melhoramentos materiais do país, nada havia a censurar, mas infelizmente tal facto não se deu.

As nossas estradas são poucas e quasi todas más.

A maior parte da rêde ferroviaria está nas mãos dos particulares. A parte que é propriedade do Estado é relativamente pequena e o seu material deixa muito a desejar.

Os nossos portos maritimos, os poucos que se fizeram, são maus ou estão incompletos. A rêde telegrafica, deixa muito a desejar.

O nosso exercito não tem armamento com que possa defender a Patria. Os fortes estão desguarnecidos ou pouco menos.

As belas artes foram completamente descuradas. As nossas escolas não teem material pedagogico.

Em resumo: o dinheiro aplicado a melhoramentos materiais, artisticos, scientificos ou morais, foi pouco, relativamente, e esse pouco, mal empregado.

O pouco que se fez não justifica a enorme divida que nos legaram.

Em *5 de outubro de 1910* a divida do Estado português elevava-se á enorme soma, valor nominal, de réis 875:870:771$789, tendo apenas a atenua-la os titulos na posse da Fazenda que somavam, deduzindo os que estavam consignados a diversos encargos, 213.236:205$000 réis. Assim o total da nossa divida era representado por 662:634:566;789 réis. *Devendo notar-se que a quasi totalidade dos titulos na posse da Fazenda estavam caucionando emprestimos.* Os disponiveis eram em numero limitadissimo.»

Belezas da administração monarquica

Viva a monarquia!

As receitas arrecadadas nos 50 anos decorridos de 1860-61 até 1909 foram de: 1.899:628:000:000 réis deduzindo as receitas provenientes de emprestimos—95:583:000:000 réis, achamos para as **receitas gerais do Estado:** 1.804:045$000 réis, **as despezas foram de:** 2.134:972:000:000 réis, **o excesso das despezas sobre as receitas:** 330:927:000:000 réis.

* * *

Em 50 anos, pois, as despezas foram superiores ás receitas ordinarias e extraordinarias, excluindo os emprestimos, 18,343 por cento.

A medida anual dos deficits, nos ultimos 50 anos, é de 6:618:540 réis, achando-se todas as importancias provenientes da venda de titulos e de emprestimos aqui inscritos pelas quantias que o Estado efectivamente recebeu, pois se nos servissemos dos seus valores nominais, os **deficits** seriam muito maiores que os indicados.

* * *

E não foi isto uma magnifica administração? Foi! Não pode a ninguem restar a menor duvida. A restauração desses processos de governar e do regimen que assim **se governou** roubando uma nação inteira, está, pois, justificada.

Vá senhores conspirantes, restaurem a monarquia!

Com o clorotico Manuel de Bragança no trono, com fitinhas azues e brancas ou medalhinhas ao pescoço, com os roubos, os envenenamentos, as ladainhas e os assassinatos, esse estendal que aí fica resgata-se de um para outro instante.

Vamos a isso, senhores conspiradores da monarquia!

A conspiração monarquica é feita de odios e vinganças, de crimes e covardias!

Os monarquicos conspiram e a sua conspiração é feita sem escrupulos de nenhuma ordem, sem ordem de nenhuma especie, sem nenhum ideal, sem um só fim alevantado e digno.

A conspiração monarquica é apenas uma conspiração anarquista, no sentido desordeiro e antisocial do termo, perigosa e dissolvente, armada sobre alicerces de odios e vinganças, feita de crimes e de covardias.

Nela entrou já o veneno e a traição, o punhal e o arcabuz, o dinamite e o suborno. O fidalgote desmiolado, o padre rancoroso, o policia facinora, o desertor, o rufia e o ladrão, tudo nela tem acolhimento e guarida!

RECORDEMOS:

D. Maria Pia de Saboia, senhora já falecida e que foi avó dum individuo chamado Manoel de Bragança que reinou em Portugal, recebeu ilegalmente, de adeantamentos feitos pela Direcção Geral da Tezouraria, ás ordens dos ministros da monarquia, a quantia de

1.507:019:676 réis

(mil quinhentos e sete contos, dezenove mil, seiscentos e setenta e seis reis).

Perguntamos neste momento em que uma horda de sicarios assaltou o paiz em nome da restauração dessa monarquia da tranquibernia e do latrocinio: a familia, o filho ou o neto dessa senhora que foi rainha de Portugal pagaram á nação o dinheiro que ministros sem escrupulos lhe deram ilegalmente?

Não. A sua familia queria sentar-se novamente no trono... para roubar e espesinhar mais um paiz que quer ser livre e que quer progredir.

Os monarquicos conspiradores preferem á Republica, prospera e feliz, a desgraça do Povo e a ruina da Nação!

Não ha povo algum que nos tempos modernos e nas condições do nosso possa viver na anarquia em que nós estamos vivendo, promovida pela agitação monarquista.

Bem o sabem os monarquicos, mas eles preferem á Republica fazendo a felicidade do povo, a ruina inteira da nação, a perda completa da Patria que os viu nascer, a miseria e a desgraça do bom povo português que por tempo de mais os tolerou.

Os assassinos!

Santissima corja!

«Toda a gente que vem á Galiza e que não seja conhecida por *parvenus* aristocratas, é imediatamente julgada, se bem que a sentença raras vezes se execute. Só um ou outro infeliz é *batido* e fuzilado! Até agora creio que só quatro ou cinco pagaram com a vida a *audacia* de pizar terras de Galiza!»

Diz o ex-conspirador Abilio Magro. Santissima gente, essa corja de bandidos pela qual suspiram alguns bandidos de eguais figados que a nossa tolerancia ai deixou!

AS GLORIAS DA MONARQUIA

As contas dos adeantamentos

Recordemos:

Quanto recebeu D. Carlos, ilegalmente, de mão beijada dos seus ministros?

3.350:741:916 rs.

(tres mil tresentos e cincoenta contos, setecentes e quarenta e um mil novecentos e dezaseis réis.)

* * *

Foi pago este dinheiro arrancado ao tesouro publico, aos cofres da nação, ao trabalho e ao sangue do povo português?

Não foi. O rei justiçado em 1 de fevereiro entrou apenas com 104 contos para pagar 3.350 contos que ficou a dever e que os seus herdeiros não pagaram á nação portuguêsa.

Bem pelo contrario, os seus herdeiros perturbam com conspirações e atacam com munições estrangeiras o povo que roubaram; obrigam a nação a despezas enormes e aos sacrificios de vidas em nome dos direitos... da mais infame banditagem e da mais deslavada ladroeira!

As perseguições republicanas

O que a Republica fez dos padres que lêram a Pastoral

No distrito d'Aveiro apenas seis parocos lêram a pastoral.

Foram os da Trofa, Alquerubim, Veiros, Murtosa, Bunheiro e Arada, onde nada ocorreu de anormal.

Todos foram presos e metidos no governo civil, onde estiveram até quarta-feira, dia em que receberam a amnistia. No gabinete do governo civil fôram além de muito visitados, otimamente tratados pelas autoridades. Nada lhes faltou. Tiveram amigos particulares, mas tinham tambem um amigo em cada uma das autoridades que com eles trataram.

Ao sairem do comissariado de policia, os reverendos parocos deixaram esta declaração por eles escrita e assinada:

Nós, abaixo assinados, parocos das freguezias de Alquerubim, Arada, Murtosa, Veiros e Bunheiro, da diocese do Porto e da Trofa, da diocesse de Coimbra, detidos no governo civil de Aveiro por havermos lido a pastoral colectiva do Episcopado Português, declaramos sob nossa palavra de honra comprometermo-nos a respeitar d'ora ávante as determinações do poder civil, quaisquer que sejam as ordens recebidas dos nossos rev.os prelados que não versem sobre assuntos estrictamente espirituais. Consignamos a expressão do nosso reconhecimento sincero pela maneira atenciosa e verdadeiramente penhorante por que fômos tratados pelo Ex.mo Governador Civil deste distrito, pelo Ex.mo Comissario de Policia e empregados seus subordinados.

Aveiro e Governo Civil, 8 de março de 1911.

(as.) *Padre Francisco Marques Pires de Miranda.*

Padre Joaquim Tomé dos Santos, paroco de Arada.

Padre Joaquia Tavares de Araujo e Castro, Murtosa.

Padre Manuel Marques Capeleiro e Silva, Veiros.

Padre José Maria Alberto Soares, Bunheiro.

Padre José Eduardo da Silva Matos, Trofa.

Foi-nos pedida ainda a publicação do seguinte agradecimento:

Os parocos que estiveram detidos no governo civil de Aveiro por terem lido a Pastoral Colectiva, profundamente penhorados, veem, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecer por este meio a todos os cavalheiros que se dignaram visita-los durante a sua detenção, particularisando, como é do seu dever, os obsequios e afectuosas atenções que lhes foram dispensadas pelo clero desta cidade e freguezias circumvisinhas e acentuando tambem o seu reconhecimento ao Ex.mo Governador Civil, Ex.mo Comissario de Policia e a todos os empregados seus subordinados pela extrema delicadeza e bondade com que sempre nos trataram.

Aveiro, 8 de março de 1911.

(Seguem as mesmas assinaturas).

OS FUNERAIS DE MENDONÇA BARRETO

O Povo Portuguez presta uma grandiosa homenagem á vitima do dever, ao martir da Republica e ao heroico funcionario da nação

Um grande exemplo de civismo

O cortejo. Representações. Turnos. No cemiterio. Os discursos.

Foi extraordinariamente grandiosa e significativa a manifestação civica com que no domingo ultimo o povo portuguez acompanhou á sua ultima morada o cadaver do desditoso administrador de Cabeceiras de Basto.

Nem o governo da Republica, nem o povo bom e dedicado, esqueceram o destemido servidor da nação que soube defender, com sacrificio da vida, o posto que lhe fôra confiado.

Não são vulgares os actos de heroismo praticados em semelhantes condições. Não são vulgares tais rasgos de audacia, tão grande desprendimento pela vida, tanto pundonor como o que esse homem na pujança da vida que agora lhe sorria, praticou na vila do norte, afrontando centenas de conspiradores, certo de perder a existencia.

Que esperava Mendonça Barreto quando depois de atacado a tiro pelos rebeldes se deixou ficar em plena praça, só e desabrigado, disparando contra os bandidos?

Que esperança de salvação tinha ele, cercado pelos bandoleiros que lhe dirigiam descargas cerradas?

De que valiam os tiros isolados da sua carabina contra essa alcateia de féras em numero de 400?

João Mendonça tinha a certeza de ser morto. Sem comunicações, sem esperança de receber auxilios, sem poder organisar um grupo de resistencia, sem saber mesmo se a conspiração triunfava nas outras terras sublevadas, ele viu que estavam contados os dias da sua vida. Poderia escapar se fugisse, como outros escaparam, se abandonasse o seu logar e deixasse aos revoltosos o concelho que a Republica lhe confiara.

Não era dessa tempera João Mendonça Barreto. Dera a sua vida á Republica. Prometera-lhe a sua dedicação até á morte. Pela Republica morreu, batendo-se como um bravo, morrendo sem soltar um lamento pela sua desventura.

A Nação devia-lhe as maiores das suas honras e assim lh'as prestou no ultimo domingo, no dia do seu funeral. Foi uma homenagem singular, enorme, comovente pela sua imponencia e pela sua significação.

Depois dos funerais de Candido dos Reis e Miguel Bombarda, a Republica não fez ainda tão grande e sentida manifestação funebre. A cidade de Aveiro então, depois da trasladação dos restos de José Estevam, nunca tinha visto cortejo tão imponente.

* * *

O *fourgon* que transportou o cadaver de João Mendonça, vinha todo forrado a veludo preto, franjádo a prata, com um grande escudo de bandeiras nacionais ao fundo.

Grande quantidade de palmeiras, fetos, avencas, corôas e ramos de flôres naturais, um enorme montão de cartões de visita recolhidos nas manifestações do percurso, muitas flôres soltas, etc.

O caixão, coberto com uma grande bandeira nacional, pousava sobre uma rica tarima de talha dourada.

Muito antes de partir o cortejo abriu-se o *fourgon*, retirando-se os cartões, os bouquets e corôas que foram colocadas sobre a carreta a esse fim destinada e que conduzia o busto da Republica, envolto em crépes.

O CORTEJO

Retirado o caixão para a carreta dos bombeiros, ladeados por praças da guarda fiscal, do exercito e da marinha, e puxada pelos bombeiros voluntarios, pôz-se o cortejo em marcha depois de o deputado sr. Alberto Souto para isso ter pedido venia ao sr. governador civil e representante do governo.

As bandas tocam as suas marchas funebres. Atraz do feretro a do 24, seguida por toda a guarnição militar.

O cortejo caminha lentamente estendendo-se desde o largo da Estação do caminho de ferro até á rua do Gravito, na maior ordem e compostura, verdadeiramente imponente, pela seguinte ordem:

Banda «José Estevam», Batalhões de Voluntarios de Agueda e Aveiro com os estandartes. Escolas e Asilo-distrital, com a sua fanfarra. Academia d'Aveiro com o estandarte. Associações dos Bateleiros, Lavradores, Constructores Civis e Empregados do Comercio. Empregados da Fabrica da Fonte Nova. Deputações de todos os clubs. Companhia de Salvação Publica «Guilherme Gomes Fernandes». Bombeiros Voluntarios com a sua banda. Juntas de paroquia. Imprensa. Banco de Portugal. Caixa Economica. Pessoal das repartições das Obras Publicas e Finanças. Juiz da comarca, delegado do Procurador da Republica, escrivães e empregados da justiça. Empregados do Governo Civil. Professorado de todas as escolas desta cidade e de outras do distrito. Medicos e advogados. Delegados das camaras municipais de Agueda, Albergaria, Anadia, Espinho, O. do Bairro, Estarreja, Ovar, O. d'Azemeis, Vila da Feira, Ilhavo, Vagos, Sever do Vouga e Aveiro, representada pelo seu presidente sr. dr. Luiz Guimarães que, como dizemos mais abaixo, representava tambem as municipalidades da Mealhada, Pombal e Arouca e pelos srs. Manuel Augusto da Silva, Pompilio Ratola, José Prat, Sebastião de Figueiredo, Vicente Rodrigues da Cruz e Manuel Teixeira Ramalho. Deputados Sidonio Pais, Augusto Vieira, Manuel Alegre, Valente d'Almeida, Marques da Costa, Barbosa de Magalhães e Alberto Souto. Carreta dos Bombeiros conduzindo as corôas. O cadaver do extincto conduzido tambem numa carreta dos Bombeiros Voluntarios. Governador Civil e Comissario de Policia.

A familia do extinto representada pelos srs. Francisco Regala, Carlos Mendonça, Firmino de Vilhena, Antonio Augusto de Morais e Silva, Lourelio Regala, Carlos Duarte e Jeremias Lebre. A banda regimental de infanteria 24. A oficialidade de terra e mar. Deputações da guarnição militar. A guarda fiscal.

O cortejo seguiu pelas ruas da Estação, Carmo, Gravito, Manuel Firmino, José Estevam, Entre-Pontes, Praça Luiz Cipriano e Corredoura. O povo abria alas, descobrindo-se respeitosamente á passagem do feretro, vendo-se muito olhos marejados de lagrimas. Nas janelas das casas por onde passou o cortejo, as senhoras ostentavam toiléttes negras, ou brancas com fitas negras.

Por toda a parte uma bem significativa tristeza pela morte do patricio querido que, exatamente porque soube honrar as tradições gloriosas deste povo, deixou em todos nós, aveirenses, uma infinda saudade.

Logo que o cortejo deu entrada no cemiterio, a policia foi impotente para conter a imensa multidão que desejava ouvir os discursos daqueles que pela sua representação oficial e amisade ao extinto, lhe iam prestar a ultima homenagem. A pouco e pouco e com grande dificuldade a carreta que conduz o cadaver do desditoso Mendonça Barreto, chega junto da rotunda onde se ergue o monumento aos martires da Liberdade.

OS DISCURSOS

Fala em primeiro logar o representante do governo e a autoridade superior do distrito sr.

Ribeiro d'Almeida

prestando a ultima homenagem a esse bravo que soube morrer gloriosamente no seu posto onde a traição o foi derrubar.

O governo da Republica não esquece aqueles que assim servem a Patria. O nome de Mendonça Barreto pertence á nação portugueza que não esquecerá tambem os seus filhos, para que eles saibam honrar a memoria de quem tanto honrou o seu paiz.

Segue-se-lhe no uso da palavra o sr.

Dr. Sidonio Pais

antigo ministro e deputado pelo circulo que pela deputação parlamentar e em nome das camaras legislativas da Republica, ali veio para acompanhar á sua ultima morada os restos desse martir da Patria que se chamou João Mendonça Barreto. Fala largamente sobre os deveres do cidadão, ataca a banditagem reaccionaria que fez aquela vitima e diz que a morte é muitas vezes a glorificação duma vida. A morte fisica desenvolve forças, energias na natureza, transformando um cadaver em novos organismos. A morte dum heroi da Republica dá mais força e vigor a um regimen que nasceu de sacrificios e de abnegações e que veio apenas do povo, do amor pela liberdade e pelo progresso. A memoria de Mendonça Barreto não pertence só a Aveiro, pertence à nação portugueza que perdeu nele um dos seus mais valorosos servidores.

Mario Duarte

O distinto *sportman* que tanto honra a cidade de Aveiro e que nos honra com a sua leal amizade, sóbe os degraus do monumento, profundamente comovido e de fisionomia transformada pela dôr que lhe causou a morte daquele que foi talvez o seu maior amigo.

Caem-lhe as lagrimas, nervosas e convulsas, sendo impotentes os seus esforços para se dominar.

A multidão comove-se, rebentam lagrimas em quasi todos os presentes, ouvem-se soluços abafados.

Mario Duarte, cujo coração sensivel é por todos conhecido, diz um enternecido adeus ao seu querido companheiro, ao mais leal e devotado dos amigos. A sua palavra tem a eloquencia simples da sinceridade, do desgosto e da saudade.

Depois lamenta a acusação feita a Mendonça Barreto de não ter sido sempre bom republicano.

Tem palavras de indignação contra o costume de se deprimirem todos os filhos desta terra que lhe dão gloria e lustre.

Descreve as dificuldades com que viveu sempre João Mendonça e invoca o seu testemunho para afirmar que Mendonça Barreto foi sempre republicano, servindo lealmente no seu logar e em todos os logares que lhe foram confiados, mas afirmando em toda a parte a inalteravel firmeza das suas convicções republicanas.

—Está morto, o meu infeliz amigo. Deixem-no em paz os que não souberam respeitar o acto de heroismo e de dedicação pela Republica que praticou morrendo.

Peço-lhes isto, em nome da amizade profunda que em vida a ele me uniu. Deixem-no em paz, no silencio do seu tumulo!

Mario Duarte chora copiosamente ao descer os degraus do monumento deixando as suas palavras em todos uma profunda impressão.

Foram nobres e eloquentes como poucas as suas palavras. Se Mario Duarte ali não tivesse feito justiça á memoria do nosso conterraneo, outra voz apareceria a fazela, egualmente sincera e com não menos autoridade. Seria a nossa.

Augusto José Vieira

O nosso amigo, distinto correligionario e deputado por Cabeceiras de Basto, lê o seguinte discurso que é um valioso documento sobre a conduta de Mendonça Barreto:

Meus senhores:

Os mais nobres caracteristicos da antiga e gloriosa raça portuguesa; a coragem e a valentia—esmaltam fortemente o animo honrado e firme deste querido amigo, cuja perda hoje aqui todos deploramos. A Mendonça Barreto victimou-o o arrojo, a quasi temeridade, inevitavel num verdadeiro português de lei, que foi atravez dos seculos a maxima razão de ser do povo lusitano, arrastando-o aos grandes descobrimentos e ás assinaladas conquistas. Conscio de cumprir briosamente o seu dever, talvez até, quem sabe, numa intuição de morte proxima, não trepidou, este dasditoso cidadão, em afrontar os perigos mais ameaçadores, no fito benemerito de apaziguar os animos, contraminar as pessimas intenções dos traidores á Republica, defender, emfim, a nossa bem amada Patria! Numa só coisa errou, tão malogrado como exemplar cidadão: em tratar lealmente hipocritas e cobardes, em julgar que perante os interesses superiores da Patria impossivel era, hoje em dia «que entre portuguêses, alguns traidores houvesse algumas vezes!» Ao assumir o cargo de administrador de Cabeceiras, o mais vivo desejo de Mendonça Barreto foi conciliar todos os seus administrados, congregalos em volta dos superiores interesses da Republica, nessa grande obra de paz, de trabalho e de progresso. Como base da conciliação geral cuidou de obstar á continuação de ataques pessoais nos jornais de Cabeceiras, promoveu reuniões, varios desportes, conferencias, etc., em que os politicos de varias tendencias e principios pudessem discutir, sem rancores, propagando os republicanos sinceros as suas ideias, a supremacia esmagadora do regimen da eleição sobre o regimen hereditario, de um regime de liberdade e progresso, sobre um regimen de opressão e rotina.

Disse, meus senhores, que Mendonça Barreto esbanjou a nobresa do seu caracter e dos seus processos generosos e leais com traidores hipocritas e cobardes. Não me arrependo do que afirmei. Barreto foi infamemente ludibriado por um padre e por outros caciques do antigo regime, que numa doblez abjecta, só propria de caracteres repugnantes, o atraiçoaram de uma forma constante e progressiva até ao assassinio! Todos sabem como esse assassinato foi perpetrado; Barreto desempenhava as suas funções oficiais, com a sua habitual firmeza e cordura, quando alguns sicarios o assassinaram cobardissimamente. E já agora, meus senhores, consintam que eu frize quanto são antagonicos os processas dos verdadeiros republicanos, a cujo numero todos devemos orgulhar-nos de pertencer, e essa escoria vil de uma raça gloriosa, que nos perturba ha dois anos, pondo acima das convicções o interesse, antepondo ao bem da Patria o bem... do estomago. Em 5 de outubro, no delirio da victoria, na alucinação que pôde provocar o cheiro acre da polvora, no tumultuar indomito das paixões, estando bem viva e intensa no espirito de todos duas perdas irreparaveis—Miguel Bombarda e Candido Reis—nem um assassinato se praticou, que fizesse ir a terra algum dos mais salientes vultos do regimen deposto; nem um só dos feroses inimigos da Republica, antigos ministros ou mandões monarquicos, caíu varado por uma bala!

Que frisantissimo, que honradissimo contraste entre o proceder dos republicanos da gloriosa revolta de 5 de outubro, e a vilania fria, propositada, preparada na treva e na perfidia, dos miseraveis assassinos da tragico-burlesca restauração monarquica! Agora senhores—e como é triste referi-lo de homens que se dizem portuguêses—não se descobriu uma conjura em que não aparecessem listas de condemnados pelos realistas, tranquila e premiditadamente assassinos! E a morte de Mendonça Barreto, o atentado contra a vida do secretario de finanças e ainda a morte de outro cidadão bem mostram que as listas das *execuções* não eram platonicas; aqueles covardes assassinos dão-nos evidentemente a medida vil das intenções damnadas desses falsos republicanos aderidos, como o padre e seus sequazes, mas ainda mais falsos portuguêses!

Meus senhores: é sempre doloroso ver caír em plena luta, usando processos leais, um homem de bem, um homem de grande valor moral, e não menor envergadura fisica, como era Mendonça Barreto; mas quando esse homem, na força plena da vida, aos quarenta e dois anos, baqueia traiçoeiramente visado por bandidos, que se armam contra a propria patria na defeza do analfabetismo, da reacção feroz e usurpadora, do roubo, da rotina e de tantas outras chagas, que eram, por assim dizer, o corpo e a alma do exaurido regimen deposto! Não é só doloroso, meus senhores, é inarravelmente desconsolalador, é revoltante!

Não devo abusar por mais tempo, da vossa benevolencia, meus senhores: para terminar estas simples e maguadas palavras, direi sómente: unamo-nos todos em espirito numa amarga saudade por esse belo homem, por esse nobre e levantado caracter, por esse exemplar funcionario da Republica, que morreu denodadamente no seu posto, em defeza da Republica e da Patria, unamo-nos tambem num protesto veemente contra todos os que se esquecem do que devem a si proprios e á terra que os viu nascer, praticando vilanias, que maculam indelevelmente uma raça gloriosa, mas não nos unamos menos nos esforços para realisar a consoladora esperança de que melhores dias virão, de paz, de progresso e de riqueza, que levantarão Portugal ao nivel superior a que tem jus entre as nações cultas.

As balas assassinas de uns miseraveis, bandidos da peor especie, fizeram orfãos duas crianças e lançaram na dor uma esposa, tirando á Republica um leal servidor e privando da sua companhia os seus numerosos amigos. Que a Republica não esqueça esses orfãos e essa viuva:—os amigos jámais esquecerão a memoria do grande patriota, do servidor leal da Republica, do glorioso português, e patriotas e servidores da Republica como Mendonça Barreto, seguindo o seu exemplo, por ela tambem não hesitarão em sacrificar a propria vida.

Em nome do sr. Afonso Costa e em nome do jornal o *Mundo*, os quais neste acto tenho a honra de representar, e por mim, dirijo a Mendonça Barreto o ultimo adeus.

Dr. Marques da Costa

O nosso querido amigo e deputado fala em nome do Directorio do Partido Republicano Portuguez, que lhe encarregou a sua representação.

Diz que Mendença Barreto dando a vida pela causa da Republica e da Patria soube continuar a historia de tradições gloriosas dos aveirenses que tantos martires deram em todas as lutas no nosso paiz pela causa da liberdade; que pela democracia ele regou com o seu sangue o solo da Patria, donde brotará uma flôr perfeita, que é a Republica, consolidada, que fará a felicidade desta Patria.

Termina, declarando que vem em nome do Directorio, portanto de todos os republicanos portuguezes prestar junto do tumulo de Mendonça Barreto a mais sentida homenagem de respeito e saudade.

Descança em paz, diz o orador, porque a Republica não esquecerá os teus filhos!

Alberto Souto

O director da *Liberdade* diz que tem tambem a honra, bem triste e dolorosa, de dizer ali o ultimo adeus ao amigo e de prestar a derradeira homenagem ao republicano e ao patriota.

Mendonça Barreto foi um dos mais caracteristicos temperamentos da raça luzitana. A sua boémia, a sua audacia, a sua bravura, eram bem proprias de um português verdadeiro, de um homem de outros tempos, aventureiro, sonhador e arrojado, ligado ao futuro pelas ideias generosas que sempre professou e por que deu a sua vida.

Era um homem a valer, forte e destemido, cultivando os sports que avigoram e rejuvenescem o organismo. Tinha a paixão da vida sobre as aguas, da véla e do remo.

Amava como ninguem, nesta encantadora faixa das terras da beira-mar, a liberdade e a luz, o ar livre, o ceu aberto, o mar imenso.

A sua alma era gemea da alma das ondas, irmã dela, da alma desse oceano que acordou em nós os sonhos das conquistas e conduziu a paragens desconhecidas as naus gloriosas.

Sabia ser um amigo, num tempo em que os amigos são raros. Teve defeitos? Teve. Mas ninguem o viu jámais praticar uma deslealdade, ferir pelas costas, manejar a intriga, servir-se da calunia abjecta e repelente.

Como foi para os amigos soube ser para a Republica e para o cargo que lhe confiou o governo da nação.

O seu nome pertence á Historia. A Historia é a consciencia da humanidade e a sua justiça não esquece os pequenos e os humildes que sabem morrer cobertos de gloria como o nosso desventurado amigo.

Da revolução francêsa não nos ficaram apenas os nomes dos grandes oradores, dos grandes politicos ou dos grandes generais, cujos nomes cita.

Ficaram tambem os nomes do pequeno tambor Barras, de Sauveur da Bretanha martires dos vendeanos e de tantos outros anonimos que se engrandeceram com o seu epico heroismo.

Não choremos mais a morte do amigo que foi tambem um grande, um autentico e verdadeiro heroi. Os herois coroam-se com palmas e flôres. O seu nome grava-se em letras de bronze no livro de marmore em que se escrevem os fastos da Patria.

O dia em que eles morrem é o dia em que entram na eternidade da tradição e na imortalidade da Historia.

Cada progresso, cada liberdade, cada conquista humana, é feita de sacrificios, de martirios, de sangue e de mortes. Ali estão as cabeças daqueles que pereceram pela liberdade que nós herdámos. Ao seu lado fica bem Mendonça Barreto que morreu pelo futuro da Patria Portuguêsa. A bandeira da Republica é rubra do sangue dos seus martires. Vejam-a cobrindo o seu ataúde ou desfraldada sob o ceu divino que nos cobre, ao vento do mar que ele tanto amou, ao sol quente que beija as flores da terra em que nasceu!

Olhem para ela! tem mais sangue, está mais rubra e mais gloriosa. Tem lá o sangue generoso desse bravo!

Tenente Costa Cabral

O dedicadissimo republicano que hoje comanda a Guarda Fiscal de Aveiro fala em nome dessa benemerita corporação a quem a Republica tanto deve desde a gloriosa jornada de 31 de janeiro.

Em seu nome e no da guarda fiscal da cidade e da guarda fiscal de Portugal, vem prestar a homenagem civica de patriota, republicano e de amigo de Mendonça Barreto. Teve palavras de justa colera para os infames bandoleiros, que não podendo assassinar a Patria querida, assassinaram os seus dedicados defensores.

Mendonça Barreto não era soldado, mas morreu como morreria um soldado no campo da batalha.

Ali lhe traz a solidariedade e o adeus de tantos bravos cujo maior desejo seria poderem dar tambem a sua vida pela mesma causa sagrada porque Mendonça Barreto pereceu.

Usa em seguida da palavra, o brilhante parlamentar e nosso conterraneo, dr.

Barbosa de Magalhães

Fala comovidamente, enaltecendo o grande acto de civismo praticado pelo martir cujos funerais se estavam realisando e cuja memoria e cujo nome tanto honra a cidade que o viu nascer.

Descreve episodios empolgantes do combate de Chaves e faz a apologia do heroismo das tropas republicanas.

Assistiu ao enterro dos dois soldados mortos durante o ataque a essa praça. Foi um funeral cheio de solenidade e, na volta do cemiterio, a grande manifestação funebre transformou-se numa entusiastica manifestação patriotica. As bandas deixaram de fazer ouvir as suas notas plangentes e resoou nas ruas da vila o hino entusiastico da *Portugueza*, envolto num côro de delirantes aclamações pela vitoria.

A morte de Mendonça Barreto foi um sacrificio por uma ideia que mais uma vez triunfou.

Cantemos tambem agora os hinos festivos e que as bandas que acompanham o cadaver de Mendonça Barreto toquem agora as glorias da Patria nas vivas estrofes da *Portugueza*.

Dr. Melo Freitas

Meus senhores:

Perguntando alguem a Cornelia porque era que se apresentava com os formosos braços nús e o colo desataviado de joias, respondeu com gravidade, entre orgulhosa e recatada:—As minhas joias são os meus filhos.

Aveirenses! Aveiro póde erguer-se sobranceira e altiva, orgulhosa dos seus filhos.

Esta pequenina e bonita cidade pode desvanecer-se das suas campinas verdejantes, da graciosa rêde dos seus canais, da brisa do mar que a beija com fervor e desta paisagem enfeitiçada que a cinge enamorada, mas o seu legitimo e verdadeiro orgulho são os seus filhos.

Em todas as epocas da historia nacional, Aveiro sacrificou á gloria e, nas azas da patria, alguns dos seus filhos.

Assim procedeu na era das navegações potentosas, assim procedeu na quadra sanguinosa e terrivel da implantação da liberdade.

Ainda não ha muito tempo, na primeira campanha dos Cuamatos, no trucidio de 25 de setembro de 1904, entre os poucos oficiais que ali foram massacrados figuraram dois aveirenses, que ali morderam a areia ardente da Africa em defesa da bandeira nacional.

Na primeira incursão de Paiva Couceiro sobre Vinhais o chefe de estado maior da coluna das operações, o capitão Maia Magalhães, um aveirense, prestou os mais relevantes serviços de infatigavel zelo em prol da Republica.

E nesta recente incursão ele continuou acrisoladamente, devotadamente, sem oscilações nem temor, a debelar a ousadia dos conspiradores até ser ferido em Vila Seca da Raia.

Recolhido a Chaves, o ataque inopinado a esta esbelta flôr do Tamega—arrancou-o do leito, onde estava convalescente, e apoiado a uma muleta ou pelo braço de amigos, apresentou-se logo na fileira dos combatentes insuflando coragem e entusiasmo.

Querem um exemplo mais flagrante da dedicação e do valor?

Mais ainda. Para que Aveiro partilhasse dos sofrimentos e sacrificios que as circunstancias impunham a todos os bons patriotas, uma familia desta terra atravessa neste momento as angustias e as aflicções, que o grave ferimento do tenente Avelar desperta no paiz, porque ele é casado com uma dama aveirense.

Agora estamos em presença do cadaver de Mendonça Barreto... ainda um aveirense.

Bonito exemplar d'homem! Destemido e galante, aventureiro e gentil, era um bom rapaz sem odios, nem rancores, alegre e despreocupado, que nunca se serviu da intriga nem da calunia.

Tinha a estima de toda a gente, conquistara-a pela esbelteza da sua figura e pela claresa iniludivel do seu procedimento.

Era *á priori* um boémio. Foi *á posteriori* um heroi.

Porque é um bravo quem, como ele sabendo duma conspiração armada e formidavel, andando a pé alguns kilometros em demanda de Rossas, vai prevenir o chefe do distrito, e obtendo apenas seis carabinas e alguns cartuchos, atravessa as mesmas estradas infestadas e hostis, e regressa ao seu posto, sem um vislumbre de mêdo.

O homem nem sempre é bom, como a flôr nem sempre é bela!...

Como desenhar-vos essa figura asquerosa do padre Domingos, o chefe da alcateia de Cabeceiras de Basto, que ordena a fuzilaria que derribou, na praça da vila, o nosso malogrado patricio?

Para que realisaram este assassinio inutil? Mendonça Barreto em presença de aquele tumultuar desordenado de paixões ignaras, defrontou o perigo com serenidade e stoicismo. Quando todas as portas se fechavam, ele, empunhando uma carabina, marchou sereno para a praça até que uma bala o atravessou de lado a lado, pelo que houve de ser recolhido numa casa visinha, onde em breves instantes a morte o empolgou.

Os mortos teem a existencia que os vivos lhes emprestam, disse-o Virgilio.

E' necessario coroar de saudades a memoria de Mendonça Barreto, dar-lhe não só o tributo das lagrimas mas o da piedade para sua inditosa familia, extratando sempre do seu nobilissimo exemplo o entusiasmo, o brio e o ardor que a Patria e a Republica exige de todos os que comungam o crédo da Liberdade e da Democracia.

Segue-se no uso da palavra o sr.

Dr. Luiz Guimarães

presidente da camara municipal de Aveiro que fala em nome da cidade. Não sendo de Aveiro honra-se contudo em presidir neste momento á sua municipalidade. Vem ali prestar a ultima homenagem a um filho desta cidade cujo nome é hoje para todos os aveirenses um simbolo, um padrão de gloria inegualavel.

A morte não acaba com a vida; muitas vezes perpetua, imortalisa um nome, como o de Mendonça Barreto. O seu exemplo é um admiravel exemplo de civismo. Aproveitando a ideia do sr. Barbosa de Magalhães, termina, dizendo que esta manifestação de saudade pelo nosso chorado conterraneo é tambem uma consagração da ideia e do regimen porque ele derramou o seu sangue.

Se Mendonça Barreto nos ouvisse, a exclamação que mais grata lhe poderia ser, seria esta que solta com enternecimento e entusiasmo—Viva a Republica!

Um côro unisono repete no campo da morte esse clamor de resurreição e de vida, de paz e de amor—Viva a Republica!

Silverio de Magalhães

Presta homenagem a Mendonça Barreto que honrosamente morreu no seu posto de funcionario da Republica, dizendo que tão heroico sacrificio é mais um titulo de gloria para Aveiro que á liberdade tem dado já bastantes martires. Relembra alguns episodios das lutas liberais em que outros filhos de Aveiro se distinguiram honrando a terra que lhes foi berço e termina dizendo que defenderá até á ultima a Republica pela qual nutre o mais entranhado amor.

Condolencias oficiais

—=—

O Governo, o Parlamento e a Cidade, apresentam á familia do martir as suas condolencias

Terminada a cerimonia funebre no cemiterio, o sr. Governador Civil, a Deputação Parlamentar e o sr. Presidente da Camara de Aveiro, dirigiram-se a casa da viuva e do pae de Mendonça Barreto para lhe apresentarem os seus cumprimentos de condolencias.

Esses cumprimentos foram primeiro apresentados ao pae do extinto que chorava copiosamente agradecendo as homenagens prestadas a seu filho e depois, numa sala contigua, á ex.ma sr.a D. Laura Regala Mendonça Barreto que se encontrava com varias senhoras da familia, entre as quais a mãe de João Mendonça, vestindo rigoroso luto.

O sr. Ribeiro d'Almeida, adeantando-se em primeiro logar, deu os sentimentos em nome do Governo da Republica e em seu nome, fazendo ao mesmo tempo entrega da chave do caixão. A infeliz senhora recebeu o triste despojo soluçando convulsivamente, agarrada ao seu filhinho de tres anos de idade que á saída foi beijado por todos.

Falou depois o sr. dr. Sidonio Pais em nome do Parlamento e depois o sr. Presidente da Camara em nome da cidade.

OS TURNOS

A partir da estação organisaram-se alguns turnos para ladearem o feretro e segurarem ás borlas de prata que dele pendiam.

Coube o 1.º aos deputados da nação, o 2.º á oficialidade da guarnição da cidade, Capitão do Porto e comandante da guarda fiscal, o 3.º ás camaras municipais, o 4.º aos administradores de concelho, o 5.º ás juntas de paroquia, o 6.º e o 7.º ao professorado e empregados das repartições publicas e os restantes a varias entidades, tendo-se tornado impossivel dar representação a todas as colectividades por não haver inscrição prévia nem tempo para se organisarem todos os turnos que se desejariam.

Representações

Podemos tomar nota das seguintes:

Agueda

Comissão municipal administrativa, pelos srs. Manuel de Sousa Carneiro, Albano Joaquim d'Almeida e Joaquim R. da Graça Junior. Comissão paroquial administrativa pelos srs. Manuel Mendes da Paz e Antonio Leite. Comissão municipal republicana, pelo seu presidente sr. dr. Manuel Alegre. Comissão paroquial republicana pelo sr. Fausto Camossa. Centro Republicano, pelos srs. João Balreira, Urbano Sucena e Nunes de Sousa, da direcção; e os socios: J. Pinto, Francisco Carneiro, tenente Freire, Julio da Conceição, contador Ribeiro de Melo, sargento Martins, João Martins de Pinho, João Ribeiro, Gabriel Candido Lopes, José Correia, Hugo de Sucena, dr. Angelo d'Almeida Ribeiro, advogado. *Independencia d'Agueda*, pelo seu director sr. dr. Eugenio Ribeiro. Batalhão de Voluntarios, por uma deputação de 10 alistados com a bandeira. Assistiram tambem os srs. Alipio Haro e Oliveira, provedor da mesa da Misericordia, José de Freitas Sucena, secretario da administração, amanuense Antonio Gaspar A. dos Santos e professor de Travassô Camilo Ferrão.

De Ois da Ribeira:

=Centro Republicano Democratico, pelo presidente sr. Diamantino D. Ferreira.

=A Comissão paroquial administrativa delegou representação no sr. Albano J. d'Almeida.

=Comissão paroquial politica, pelo sr. José Pinheiro d'Almeida. Assistiram, tambem, um grupo de voluntarios e muitos cidadãos.

Albergaria-a-Velha

Comissão municipal administrativa, pelo seu presidente sr. dr. Jaime Ferreira.

=O sr. dr. José Nogueira de Lemos, administrador do concelho, representou a comissão paroquial administrativa de Alquerubim e os fiscais dos impostos de Albergaria-a-Velha.

=O *Progresso de Alquerubim* foi representado pelo sr. José Dias Aidos.

Anadia

Comissão Municipal Administrativa, pelo sr. Manuel Gomes Junior. Grupo de Defeza da Republica, pelo sr. Pompeu da Naia e Silva. Comissão paroquial de Vila Nova de Monsarros, pelo sr. Antonio de Campos Junior. Comissão paroquial da Moita, pelos srs. Manuel Rodrigues e administrador do concelho, sr. Joaquim do Carmo Ferreira.

O. do Bairro

Comissão Municipal Administrativa, pelos srs. Manuel d'Oliveira Mota, Manuel Rodrigues de Souza, Joaquim da Silva e Jacinto Simões dos Louros. Grupo de Defeza da Republica, pelo sr. Manuel d'Oliveira Mota. Comissão paroquial do Troviscal, pelos srs. Manuel dos Santos Ferreira e Antonio Caetano da Rosa. Centro Republicano de O. do Bairro, pelo administrador.

Espinho

Comissão Municipal Administrativa, pelos srs. Avelino Vaz, Alberto Milheiro e Montenegro dos Santos, administrador do concelho. Comissão paroquial administrativa, pelo sr. Raul de Pinho Faustino. Comissão paroquial politica, pelo sr. José Augusto Pires. Comissão municipal politica, pelo sr. Alberto Delgado. Grupo de Defeza da Republica, pelo sr. Pires. Grupo Revolucionario de 31 de Janeiro, pelo sr. Antonio Alberto Ribeiro Carneiro de Sá, 2.º sargento. Bombeiros Voluntarios, pelo 1.º patrão sr. José Augusto Pires. Centro Republicano Democratico, pelos srs. Ramiro Mourão e Alfredo Barreto. O sr. Montenegro dos Santos representou tambem o sr. dr. Pinto Coelho.

Estarreja

Comissão municipal administrativa, *Futuro de Estarreja* e administração do concelho, pelo sr. Francisco d'Almeida d'Eça. Comissão paroquial administrativa de Beduido, pelo sr. Antonio Maria de Matos. Centro Republicano Democratico, pelo sr. Filipe Augusto Soares d'Albergaria. Centro Republicano de Canelas, pelo sr. João Pedro Rodrigues. Centro Republicano de Veiros, pelos srs. João Maria da Silva Henriques, João Augusto Pires, Francisco Jose Pires d'Oliveira, Francisco de Souza Garganta, Joaquim Antonio Dias, Augusto Dias, Manuel Maria Marques, Antonio Caetano Valente, João Maria Gonçalves, José Maria Marques e Carlos Alberto da Costa, director do *Jornal de Estarreja*. Comissão paroquial de Pardelhas, pelo sr. Bernardo Maria da Silva. Junta de paroquia de Pardilhó, pelo sr. Joaquim dos Santos Sobreiro. Assistiram tambem ao funeral os srs. Francisco Antonio de Pinho Junior, regedor da Murtosa e João Salgado, ajudante do Registo Civil.

Ovar

Comissão municipal administrativa, pelos srs. dr. Pedro Chaves, Manuel Pereira Dias, José d'Oliveira Lopes, Celestino Soares d'Almeida e Manuel Salvador. Centro Republicano, pelos srs. Fernando Antonio Pereira e dr. João de Melo. A *Patria*, pelo sr. Manuel Nunes Branco. Comissão municipal politica, pelos srs. Antonio Gaioso, Antonio Seixas e Francisco Brandão. Comissão paroquial administrativa, pelos srs. Luiz Neves e Manuel Moreira. Comissão poroquial politica de Valega, pelo sr. Antonio da Cunha e Silva. Assistiram tambem ao funeral os srs. Antonio Valente, deputado e dr. Alberto Tavares, administrador do concelho.

O. d'Azemeis

Comissão municipal administrativa, pelos srs. Luiz Martins e Manuel Paiva. Comissão paroquial administrativa, pelo sr. João Lourenço. O *Radical*, por Joaquim N. da Silva.

=De Cesar assistiu o sr. Cesar de Oliveira Jorge.

=Do Pindelo, os srs. Francisco Soares Pinheiro, Manuel Ferreira e Ignacio d'Oliveira.

=De Oliveira, os srs. Fernão de Lencastre, administrador do concelho; dr. José Lopes d'Oliveira, Manuel Marques da Fonseca, empregado de finanças; e Mario Guimarães.

Vila da Feira

Comissão municipal administrativa, pelo sr. Victorino Gomes de Freitas. Comissão paroquial administrativa de Anta, pelo sr. José Nogueira da Silva. Comissão paroquial politica da mesma freguezia, pelo sr. José Rodrigues Pereira. Assistiu tambem o administrador do concelho sr. José Marques de Azevedo.

Ilhavo

Comissão municipal administrativa, pelos srs. Joaquim Valente, Julio Figueiredo, Carlos Marnoto, Nunes de Castro, Pinguelo d'Oliveira, Josué Ramos e Abel Regala, secretario. *Club dos Novos*, pelo sr. José Celestino. Comissão paroquial administrativa, pelo sr. João Patoilo. Assistiram tambem ao funeral os srs. dr. Samuel Maia, administrador do concelho, Augusto Figueiredo, secretario da administração, e dr. Carvalho Junior, oficial do registo civil.

Vagos

Comissão municipal administrativa, pelos srs. Manuel Freire Sineiro, José Domingos Cristo, Antonio Ferreira e dr. Carlos Ribeiro, representando o presidente. Comissão paroquial administrativa, pelos srs. José Tomáz d'Abreu, Joaquim da Rocha, José da Silva Dionisio e Manuel J. Centro Escolar Republicano de Vagos, pelos srs. João Cristão, Julio Moura, Emidio Rocha, Augusto Maia e Berardo Custodio. *Correio de Vagos*, pelo sr. Antonio Sampaio, escrivão. *Jornal de Vagos*, pelos srs. João Morais e Antonio Vidal. Assistiram tambem ao funeral os srs. Francisco Ferreira da Encarnação, administrador e José Fernandes Mourão, regedor.

Outras representações

Pela *Cruz Vermelha* assistiu o sr. André Pinto dos Santos, que depoz sobre o feretro um bouquet de flôres naturais.

=Do Porto encorporaram-se no funeral os srs. Ernesto Borges, Adelino de Sousa e Americo Lourenço. O Centro Republicano Radical de Cedofeita e o Centro Democratico Valente Perfeito, fizeram-se representar pelo sr. Jorge Couto Viana.

=O Centro Republicano Democratico de Lisboa fez-se representar pelo sr. Manuel Pereira Dias.

=O sr. Pompeu da Costa Pereira representou a Comissão Municipal Administrativa de Sever do Vouga.

=A Comissão Paroquial Administrativa de Eixo, fez-se representar pelos srs. João Simões Pereira e Aristides Dias de Figueiredo, juiz de paz.

Tambem se encorporou no funeral o sr. dr. Eduardo de Moura.

=Cunha Lobo, administrador de Castelo de Paiva, pelo sr. dr. Alberto Ruela.

=O sr. Antonio Maria Beja da Silva, comissario de policia distrital e administrador do concelho de Aveiro, foi encarregado das seguintes representações: administradores dos concelhos de Azambuja, Barcelos, Covilhã e Mealhada.

=O dr. Marques da Costa representou o Directorio do Partido Republicano Português.

=O sr. José Alves d'Oliveira, da Borralha, Agueda, fez-se representar pelo sr. Arnaldo Ribeiro, nosso colega do *Democrata*.

=As comissões municipais administrativas da Mealhada, Pombal e Arouca, foram representadas pelo sr. dr. Luiz Guimarães, presidente do municipio de Aveiro.

=A *Gazeta de Arouca* e o sr. Joaquim Soares fizeram-se representar pelo nosso colega Rui da Cunha e Costa.

=O sr. dr. Manuel Vieira de Carvalho, guarda-mór de saude de Setubal, foi representado pelo sr. dr. Henrique da Rocha Pinto, conservador do registo civil naquela cidade.

=De Vila Nova de Gaia assistiu ao funeral o sr. Manuel Pereira Matias.

=O administrador de Macieira de Cambra fez-se representar pelo sr. Antonio Aguiar, secretario da administração.

=A comissão municipal administrativa de Cambra, pelo sr. dr. Adolfo Coutinho, delegado do procurador da Republica em Aveiro.

=Capitães Maia Magalhães e Victorino Godinho, pelo sr. Firmino de Vilhena, director do *Campeão das Provincias*.

=Comissão paroquial administrativa de Esgueira, pelos srs. Elisio Feio, João da Silva Castro, Manuel do Maio, Antonio Ferreira d'Almeida e Francisco Marques da Graça.

=Comisssão paroquial administrativa de Pombal, pelo presidente da comissão paroquial administrativa da freguezia da Vera-Cruz, desta cidade, sr. Paula Graça.

=Encorporou-se tambem no cortejo o nosso amigo, sr. Manuel Pereira da Silva, de Angeja.

=O sr. dr. Melo Freitas, governador civil substituto deste distrito, representou a comissão paroquial administrativa de Barcouço e a municipal politica de Arouca.

=O sr. governador civil, que havia sido encarregado pelo sr. Duarte Leite de representar o governo, representou tambem o governador civil de Braga.

=A *Liberdade* foi representada pelo seu director e pelo seu secretario.

NA «LIBERDADE»

Estiveram nesta redacção, pouco depois de terminar o cortejo funebre, além de um grande numero de correligionarios nossos desta cidade e do sr. Augusto José Vieira, deputado democratico, os srs. Diamantino Fraucisco da Silva, José Pinheiro de Almeida, Albano de Almeida, Manuel Matos dos Reis, João Maria dos Reis, Fernando Maria dos Reis, Camilo Gomes Fernandes dos Santos e Antonio José da Costa, todos de Ois da Ribeira.

* * *

Corôas e bouquets

A J. A. M. Barreto —o «Club Mario Duarte».

——

A João Mendonça Barreto—os republicanos de Ilhavo.

——

Ao seu amigo João Mendonça Barreto, oferece Antonio da Rocha como testemunho de eterna saudade—Cabeceiras de Basto, 12-7-1912.

——

A Comissão Republicana Administrativa oferece ao dedicado correligionario Mendonça Barreto.—12-7-1912.

——

A João Mendonça, um grupo de amigos e admiradores.

——

A J. A. M. Barreto—o Centro Republicano.

——

A J. A. M. Barreto—a Secção da Guarda Fiscal em Aveiro.

——

A Mendonça Barreto—os empregados dos impostos do distrito.

——

Ao bom e dedicado republicano Mendonça Barreto, oferecem José Teixeira Leite Basto e familia. Candido Augusto Goncalves Basto e familia, e os amigos José dos Santos Carvalho, Eugenio Leite Basto, José Fernandes Brrrôso e Francisco J. Rodrigues de Carvalho.—12-7-912.

——

A J. A. Mendonça Barreto—o pessoal telegrafo postal d'Aveiro.

——

Ultimo adeus a João Mendonça.—Seus amigos Raul e Antenôr de Matos.

——

Ultima homenagem a João Mendonça.—Associação dos empregados do comercio d'Aveiro.

——

A Mendonça Barreto—os seus amigos Espirito Santo e A. Regala.

——

A João Mendonça Barreto—o Batalhão de Voluntarios d'Aveiro -21-7-912.

——

A Mendonça Barreto—os oficiaes de infanteria 24—21-7-912.

——

A Mendonça Barreto—o Centro Republicano de Ermezinde.

——

Saudade eterna de tua esposa e filhos.

——

A Mendonça Barreto—o Grupo de Defesa da Republica.

——

Em homenagem á saudosa memoria de Mendonça Barreto—o Centro Democratico de Estarreja—21-7-912.

——

Derradeira homenagem ao cidadão J. A. M. Barreto.—Os sargentos de infanteria da guarnição d'Aveiro.

——

Saudade eterna do seu sobrinho Carlos.—12 de julho de 1912.

——

Gratidão do comercio de Cabeceiras de Basto.

——

Homenagem a Mendonça Barreto—da U. C. N. de Espinho. (Flores Naturais).

Bouquets:

O Grupo Civil da Vitoria (Porto).

——

A' memoria de J. M. Barreto—o Centro Republicano de Aradas (Aveiro).

——

A Mendonça Barreto—Lembrança de um dedicado e velho republicano, André Pinto dos Santos.—Porto, 21-7-912. (Flores naturais).

——

Ao desditoso martir Mendonça Barreto.—Sentida homenagem do Centro Gabinete dos Vermelhos,—21-7-912. (Flores naturais).

* * *

No carro que conduzia as corôas seguiam ainda 10 bouquets que não sabemos por quem foram oferecidos por se terem perdido os cartões que os acompanhavam.

=†=

Em seguida aos discursos, a multidão debandou, recolhida e silenciosa. O cadaver de João Mendonça foi metido provisoriamente no jazigo da familia Barbosa de Magalhães, esperando o mauzoleu que a cidade lhe deverá erigir.

—†—

Um telegrama do dr. Rodrigo Rodrigues

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues, ex-governador civil deste distrito e atual director da Penitenciaria de Lisboa, enviou ao presidente do «Centro Escolar Republicano» o seguinte telegrama:

Lisboa, 22.

Sendo hoje prestada homenagem a um filho de Aveiro briosamente morto, pela Republica, saúdo em vós o patriotismo e elevadas virtudes civicas dos republicanos de Aveiro

(a) Rodrigo Rodrigues.

—†—

Merecidos louvores

O *Grupo de Defeza da Republica* tem sido muito elogiado pela forma como organisou e dirigiu, depois, o funeral do desditoso administrador de Cabeceiras de Basto. São bem merecidas quaisquer palavras de louvor ao brioso grupo de patriotas que sob si tomou o encargo de prestar essa derradeira homenagem a quem tão honrosamente se sacrificou pela Republica, deixando-se atravessar pelas balas dos sicarios da monarquia couceirista.

Para o *Grupo de Defeza da Republica* vão tambem as nossas homenagens mais calorosas, certos de que interpretamos o sentir de toda a cidade.

=†=

Em Aveiro estiveram ainda nesse dia, incorporando-se na cortejo, algumas centenas mais de cidadãos de fóra da cidade, não só deste distrito mas dos outros tambem, cujos nomes nos foi impossivel apontar e para os quais não haveria espaço no nosso jornal que não póde dar noticia das manifestações em Cabeceiras, Fafe, Trofa, Porto, etc., á passagem do feretro que foram imponentissimas.

—†—

Agradecimento

O *Grupo de Defeza da Republica de Aveiro* agradece a todas as camaras municipais, juntas, centros, associações e comissões, a todas as entidades oficiais e a todos os cidadãos que se dignaram concorrer ao funeral de Mendonça Barreto ou nele se fizeram representar, pedindo lhe seja relevada qualquer falta que involuntariamente tenha cometido.

O presidente,

Bernardo de Souza Torres.

—†—

Um exemplo a seguir

Os moradores da rua das Madres, de Lisboa, pediram á Camara Municipal para que áquela rua fosse dado o nome de João Augusto Mendonça Barreto. O nosso colléga o *Mundo*, noticiando o facto, diz dar todo o seu apoio a este pedido por o achar justissimo.

Nós entendemos simplesmente que á Camara Municipal deste concelho compéte, por sua vez, prestar essa homenagem ao aveirense ilustre que honrosamente soube morrer no seu posto.

Assim o esperamos do alevantado criterio do presidente e vereadores do nosso municipio.

Residencias dos parocos

Do ministerio da justiça baixou a todos os governadores civis um telegrama concebido nos seguintes termos:

«De ordem do sr. ministro da justiça fica v. ex.a autorisado a outorgar a todos os administradores do concelho desse distrito a faculdade de fazerem despejar imediatamente os respectivos presbiterios áqueles parocos não pensionistas que, pelo seu procedimento desleal para com a Republica ou pelo seu espirito reaccionario e rebelde á lei da separação, sejam indignos do excepcional beneficio que estão recebendo do Estado, devendo aquelas autoridades dar conta a v. ex.a do uso que fizerem desta faculdade.»

Em vista deste telegrama foi intimado o paroco da freguezia das Aradas, rev. Pato, a abandonar o presbiterio.

Ainda a apreensão de "A Liberdade,,

==

O nosso estimado collega *O Mundo*, de ontem, fazendo referencia á apreensão do ultimo numero d'*A Liberdade*, talvez mal informado, faz alguns comentarios ao procedimento do sr. governador civil para comnosco, comentarios a que a nossa nunca desmentida lealdade nos manda fazer alguns reparos, embora agradecendo penhorados as boas palavras que o valoroso jornal republicano nos dirige.

O sr. Ribeiro d'Almeida foi extremamente atencioso e delicado para comnosco e nem outra coisa era de esperar de um republicano tão sincero e correcto como sua ex.a para com republicanos, como nós, sempre correctos e prudentes

Sua ex.a veio á nossa redacção comunicar nos pessoalmente a medida que resolvera tomar e fazer-nos ver os inconvenientes que poderiam resultar da livre circulação desse numero d'*A Liberdade*.

Não levantámos a menor objecção ao procedimento do sr. Ribeiro d'Almeida que foi telegraficamente confirmado e aprovado pelo governo. Pelo contrario, concordámos que eram um pouco violentos os termos em que criticavamos o procedimento da Espanha, embora fossem merecidas, justas e espontaneas as nossas palavras.

Do nosso dever de bons republicanos julgámos atender as razões expostas e sujeitarmo-nos ás consequencias do nosso protesto violento. A rasão patriotica é a nossa suprema lei, ainda que se sacrifiquem os nossos interesses e essa é por certo tambem a do sr. Ribeiro d'Almeida que só nos merece, pelo seu procedimento sempre recto, patriotico e republicano, os mais rasgados elogios.

Augusto José Vieira

Como dizemos noutro logar, esteve em Aveiro, a fim de assistir ao funeral de Mendonça Barreto, o nosso amigo e deputado por Cabeceiras de Basto, sr. Augusto José Vieira, que antes do funeral visitou de automovel as praias do Farol e Costa Nova em companhia do sr. dr. Luiz de Brito Guimarães e do nosso collega Rui da Cunha e Costa. O sr. Augusto José Vieira que visitou tambem a redacção da *Liberdade*, demorando-se largamente, retirou no domingo para Lisboa onde o chamavam os seu deveres profissionais.

Um incendio na escola de torpedos de Vale de Zebro

Na escola de torpedos de Vale de Zebro manifestou-se ante-ontem um pavoroso incendio que destruiu por completo muito material naval e de guerra, armamento e uma ala do edificio. Os prejuizos são incalculaveis. Ignoram-se as causas do incendio.

FESTIVAL NO JARDIM

A Companhia de Salvação Publica «Guilherme Gomes Fernandes» promove para domingo, ás 21 horas, um festival no jardim que está despertando o mais justificado interesse. Assistirá o «Rancho das Olarias» que deliciará os presentes com alguns cantos e danças do seu variado reportorio, bem como uma banda de musica de esta cidade Funciona tambem a kérmesse.

OS CONSPIRADORES

—=—

A tranquilidade é absoluta em todo o paiz

Nada ha de interessante a registar com referencia ao movimento dos conspiradores. Estes, depois das derrotas de Chaves e Valença, acossados pelas nossas tropas, refugiaram-se em Hespanha sem que fosse possivel cerca-los. As autoridades teem efectuado grande numero de prisões nas terras onde foram descobertos *complots* monarquicos.

— Os tribunais marciais devem começar a funcionar no proximo sabado.

— A manifestação de aplauso ao governo, pela fórma como tem defendido a Patria e a Republica, promovida pela Associação dos Logistas, e que na terça-feira se realisou em Lisboa, foi imponentissima.

— As ultimas noticias dizem que o socego é absoluto em todo o paiz.

— O sr. Presidente da Republica enviou aos comandantes militares de Chaves, Valença e Cabeceiras de Basto, o seguinte telegrama:

«Em nome da Nação e no meu saudo na pessoa de V. Ex.a a bravura e o heroismo do nosso exercito pela maneira decisiva e pronta com que se bateu e castigou os rebeldes que se insurgiram contra a soberania da Nação, a Republica e a Patria.

Por este relevante serviço, á nossa perduravel gratidão.—*Manuel de Arriaga*».

NO DISTRITO

Em todo o distrito de Aveiro nada tem ocorrido de anormal.

Continuam as investigações a respeito dos srs. dr. Alvaro de Ataide e Antonio Ferreira que se conservam incomunicaveis.

Por absoluta falta de espaço não nos é possivel publicar ainda hoje, as correspondencias que temos em nosso poder. As que não tiverem perdido a oportunidade irão no proximo numero.

TOURADAS

Nos proximos dias 28 e 29 realisam-se na praça de touros da Mealhada duas magnificas touradas promovidas pelos srs. Carlos d'Oliveira Couceiro, José Largo Imaginario e Manuel Maria dos Santos Freire. Estas corridas fazem parte das festas á Senhora Sant'Ana que ali se realisam todos os anos.

Incendio

Manifestou-se ontem incendio na fabrica de louça da Fonte Nova que gira sob a firma de Manuel Pedro da Conceição & C.a. O fogo foi pouco depois sufocado pelo pessoal da referida fabrica, sendo os prejuizos insignificantes.

EXAMES

Teem continuado no nosso liceu os exames da 5.a classe sob a presidencia do sr. dr. Correia Mendes. Consta-nos que devem estar terminados nos primeiros dias do proximo mez de agosto.

No proximo numero "A Liberdade,, publicará:

A Semana Militar

inserindo interessantes artigos sobre defeza nacional e sobre os mais momentosos problemas militares da atualidade.

A nossa marinha de guerra

O conselho de ministros, na sua reunião de terça-feira ultima tratou, das bases do emprestimo de 5:800 contos de réis, autorisado pelo parlamento, para a compra de um cruzador, quatro submersiveis, dois destroyers e dois contra-torpedeiros para a nossa marinha de guerra.

Excursão

E' na proxima segunda-feira que deve chegar a Aveiro a excursão promovida pela «Sociedade de Propaganda de Portugal», e que foi adiada por no dia designado para ela se ter realisado o funeral de Mendonça Barreto. Os excursionistas visitam primeiro a Bairrada.

Centro Republicano de Ois da Ribeira

E' no dia 4 de agosto p. f. que em Ois da Ribeira se realisa o anunciado comicio solenisando o primeiro aniversario da fundação do Centro Republicano daquela freguezia. Entre outros, farão uso da palavra o director deste jornal e talvez o nosso colega Rui da Cunha e Costa.

CONVITE

São por esta fórma convidados todos os proprietarios da ria de Aveiro a reunirem na séde da Associação Comercial desta cidade pelas 2 horas da tarde de domingo, 28 do corrente, para tratar de assumto que prende com os seus interesses.

Aveiro, 23 de julho de 1912.

Antonio Marques da Costa.

EDITOS

(1.a publicação)

Por este juizo, escrivão Marques, correm editos de trinta dias a contar da 2.a e ultima publicação deste anuncio, citando os interessados José Antonio Paradela e Manuel Pereira Ramalheira, casados, de Ilhavo, mas auzentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu sogro Luiz Antonio Paradela, casado, morador que foi em Ilhavo, em que é cabeça de casal a viuva Maria Emilia de Almeida Branca, daí, sem prejuizo do seu andamento nos termos do § 3.º do art. 696 do codigo do Processo Civil.

Aveiro, 19 de julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

Os assassinatos monarquicos

Como foi morto o administrador de Cabeceiras

Nas terras revoltadas.—A marcha da coluna.—A entrada em Cabeceiras.—O assassinato de Mendonça Barreto.

"A Liberdade,, entrevista o sr. Carlos Mendonça, testemunha presencial da ocupação de Cabeceiras de Basto pelas forças republicanas.

Não se desvaneceu ainda a dolorosa impressão causada nesta cidade pela noticia da morte do infeliz administrador de Cabeceiras de Basto, todos desejando conhecer, nos seus tragicos pormenores, a forma como se cometeu esse revoltantissimo atentado.

Para satisfazermos a curiosidade dos nossos leitores, entrevistámos o nosso amigo Carlos Mendonça, sobrinho de Mendonça Barreto e que ha alguns dias chegou de Cabeceiras para onde partiu com a coluna de operações.

—Tive conhecimento da morte de meu tio, diz-nos Carlos Mendonca, por um telegrama dado de Fafe pelo dr. Afonso Henriques, atual administrador de Cabeceiras. Tomei desde logo a resolução de partir para ali a fim de, pela ultima vez, vêr meu tio, que sinceramente estremecia. Parti de Aveiro, segunda-feira, no comboio das 5 horas, cheguei a Fafe pelas 4 da tarde do mesmo dia. Na estação do caminho de ferro, o capitão Beltrão, de infanteria 29, á frente de uma força de 60 praças, impedia que qualquer pessoa seguisse para Cabeceiras. Mostrando o cartão de identidade que amavelmente me havia sido passado pelo ilustre governador civil deste distrito, fui pelo referido oficial tratado com a maior cortezia.

—O sr. não deve seguir hoje para Cabeceiras que ainda se encontra em poder dos revoltosos, diz-me o capitão Beltrão. O mais prudente será acompanhar ámanhã a coluna encarregada de sufocar a rebelião. Espero por infanteria 5 e creia que logo que ali chegarmos, vingaremos a morte de seu tio.

—O capitão Beltrão falava-me com todo o entusiasmo da sua alma de republicano e de patriota. Seguindo o seu conselho dormi essa noite em Fafe. Pelas 4 horas da manhã estava formada na praça da vila uma forte coluna constituida pelo regimento de infanteria 5 chegado poucas horas antes, uma companhia do 29 e uma secção de metrelhadoras (grupo 1). Iniciou-se,então,a marcha, sempre com todas as precauções, seguindo eu em automovel com dois empregados da estação telegrafo-postal de Braga, um guarda-fios, um fiscal do selo, fugido de Cabeceiras na noite da rebelião, e uma praça de infanteria 5. Todos nós iamos devidamente armados e sempre na rectaguarda das forças. Durante o trajecto, os meus companheiros concertavam as linhas telegraficas e até eu proprio os ajudei nessa tarefa.

—Não encontraram nunca os rebeldes ?

—Um pouco antes de chegarmos á povoação de Arco, fômos atacados por um pequeno grupo de conspiradores que disparou alguns tiros na nossa direcção. Démos uma descarga e nunca mais os vimos.

Horas depois acampavamos em Arco. Estabeleceu-se ahi, numa casa particular, a estação telegrafica, visto não ser possivel fazer com rapidez as reparações de que carecia a linha que liga essa vila á de Cabeceiras.

As forças dividiram-se, seguindo infanteria 5 pelas montanhas e a secção de metralhadoras pela estrada. Estas forças com 2 esquadrões de cavalaria que de Braga haviam seguido tambem para Cabeceiras, pela Povoa do Lanhoso, operaram então o movimento envolvente de Cabeceiras, fazendo a infanteria uma descarga de reconhecimento. Momentos depois entrávamos na vila não encontrando nas ruas uma unica pessoa. A' frente de nós, esquecia-me dize-lo, haviam seguido varios automovefs com carbonarios. Quando entrámos em Cabeceiras eram 4 horas da tarde e ardiam já a casa do padre Domingos, a de um irmão e a de um outro reaccionario. Ninguem tentou abafar o incendio, tal a indignação causada pelo barbaro assassinato de meu tio e de outros conhecidos republicanos. As forças acamparam na praça onde meu tio morreu heroicamente, estabelecendo postos avançados nos limites da vila. Algumas casas e uma farmacia foram arrombadas e assim se obtiveram viveres para os soldados e os medicamentos necessarios para a Companhia de Saude que se instalou na referida farmacia.

— Mas ouvimos dizer que as forças levavam ordens para arrazar Cabeceiras ?

— Sim, se os rebeldes resistissem. Estes, porém, haviam já, como disse, abandonado a vila e encontravam-se dispersos pelas montanhas.

Deixe-me, porém, contar-lhe o que fiz logo que cheguei a Cabeceiras. Pouco depois de ali chegarmos soubemos que na vila se encontravam quatro familias que conseguiram escapar ás furias dos rebeldes. A aparição das forças incutiu-lhes animo e assim, momentos depois, estavam em contacto comnosco. O presidente da Camara, dr. Florencio, que se encontrava em Coimbra quando se deram os tristes acontecimentos que acabo de lhe narrar e que imediatamente havia partida para Cabeceiras, conseguiu arranjar-me alojamento na casa do regedor, a 3 kilometros da vila. Com efeito, segui para ali ás 8 horas da noite acompanhado de uma praça do 5 devidamente armada. No dia seguinte, pela manhã, fui novamente para Cabeceiras a fim de procurar o cadaver de meu pobre tio. Soube, então, que uma das quatro familias que se encontravam na vila o tinha feito encerrar em caixão de chumbo e o havia colocado numa das dependencias da igreja. Póde por isso calcular o profundo desgosto que senti por me sêr impossivel vê-lo pela ultima vez.

O funeral que se realisou no dia seguinte, foi imponente.

Nele se encorporaram os oficiais das varias unidades que se encontravam em Cabeceiras e as praças disponiveis empunhando ramos de flôres que o coronel Sarsfield havia mandado colher no jardim da Camara. A' beira do jazigo onde provisoriamente ficon o cadaver de meu tio, falaram o coronel Sarsfield, que foi eloquentissimo, o presidente da Camara e outros.

— Mas recordo-me de ter visto nos jornais que acompanharam o feretro 2:000 pessoas e v. disse-me ha pouco que apenas tinham encontrado na vila quatro familias . . .

— O caso explica-se. Os revoltosos obrigaram a segui-los quasi todos os habitantes de Cabeceiras. Muitos destes que nada tinham com o movimento, vieram a pouco e pouco para a vila por saberem que encontrariam protecção nas forças republicanas. Foram estes juntamente com alguns habitantes de outros conselhos que se incorporaram no feretro.

— Diga-nos agora como se cometeu o assassinato de seu tio.

— Meu tio tinha recebido a denuncia de que em Cabeceiras havia armamento escondido. Procedeu ás necessarias deligencias para a sua descoberta e, na vespera dos acontecimentos, desejando telegrafar para o governo civil de Braga, soube que as linhas tinham sido cortadas. Dirigiu-se então ao secretario de Finanças do concelho, seu amigo dedicado, e pediu-lhe que lhe emprestasse a pistola e competentes cargas.

Pouco depois tomava logar num carro a fim de se transportar a Rossas e pedir a um amigo a cedencia do seu automovel para o conduzir a Braga. A meio caminho, porém, o cocheiro temendo um ataque, recusou-se a marchar e meu tio teve de fazer o trajecto a pé. Partiu depois, efectivamente, para Braga, mas ali o governador civil, não lhe podendo ceder força alguma, mandou-o á policia pedir armamento. Pouco depois regressava a Cabeceiras, levando no automovel 6 carabinas e munições. Em Cabeceiras soube que a população se achava revoltada, tendo sido ferido com duas balas, pelo filho do dono do hotel onde se achava hospedado, o secretario de finanças e que os poucos republicanos da vila tinham fugido para Fafe. Procurou então um outro hotel e ali almoçou indo depois passear para a praça com dois amigos armados de carabina.

Do cimo de uma das montanhas que circundam a vila, deram, acto continuo, a primeira descarga sobre meu tio e os seus companheiros. Estes correram a alojar-se numa casa proxima instando com meu tio para os acompanhar, sendo, porém, baldados todos os seus esforços. Meu tio, detraz de uma arvore, disparava incessantemente sobre os revoltosos que respondiam com descargas cerradas. Em breve, porém, uma bala entrava-lhe pelo ombro e atravessava-lhe os dois pulmões. Meu tio não poude resistir mais. Dirigiu-se a casa de uma das quatro familias que ficaram na vila e de que já falei e tirando o casaco, pediu para o ligarem. Vendo aproximar-se a morte dizia ainda com o maior sangue frio, que os ferimentos não tinham importancia. Meia hora depois expirava, dizendo-se que as suas ultimas palavras foram de maldição para os bandidos que o tinham assassinado.

* * *

Quando nos despedimos de Carlos Mendonça, sentimos os olhos marejarem-se-nos de lagrimas pela visão de esse amigo querido, morto gloriosamente no seu posto de honra. Todos nós, os que o conheciamos, por mais de uma vez tinhamos admirado o seu profundo despreso pela morte, que aos 40 anos o veio arrebatar ao seio da familia e ao convivio dos seus amigos, pela forma tragica porque acabamos de o narrar.

Rui da Cunha e Costa.

BEM ENTENDIDO

O sr. Antonio Maria Beja da Silva, digno administrador do concelho e comissario de policia do distrito, mandou afixar editais proíbindo, entre outras coisas, que as tabernas se conservem abertas depois das 21 horas e o uso do gabão com o capuz pela cabeça. Tal medida não póde deixar de merecer a nossa completa aprovação.

A quadrilha dos inocentes !

Os bandidos da conspiração

Escreve Abilio Magro, no seu livro sobre a conspiração monarquica:

«E lá de dentro quem seria executado se a restauração vingasse ?

Que me recorde em Lisboa: os oficiais de caçadores 2, o dr. José de Alpoim, todos os republicanos em evidencia, emfim, pouca gente ficaria!

No Porto muita gente tambem.

Em Valença o major Arnaldo Cruz Souza, considerado como perseguidor-mór dos conspirantes.

E nas outras terras do paiz, muitos e muitos homens deveriam ser exterminados.»

* * *

Custa a crêr ? Não custa. Os bandidos de cá de dentro quando da conspiração de setembro de 1911, destruiram linhas antes dos comboios passarem cheios de passageiros desprevenidos; dinamitaram as pontes, envenenaram oficiais.

Quando o 24 ia para a fronteira, a linha foi desviada para um precepicio de enorme altura, para que o comboio por ali se despenhasse arrastando todos para uma morte horrivel. Os bandidos de cá honraram bem os bandidos da Galiza. Os tribunais, comtudo, teem-os absolvido a todos. Os inocentes!

Seria bom que a gente absolvesse tambem todos os bandidos que algum dia atacassem aí nas ruas os membros dos tribunais? Seria otimo. E queixam-se de perseguições e de maus tratos, os infamissimos biltres!

* * *

Isto escrevemos nós algumas semanas antes desta incursão!

Não tardou muito que o conspirador Cunha, absolvido pelos tribunais por cumplicidade no «complot» do Algarve fosse pelos ares com as bombas que estava carregando na Encosta do Castelo em Lisboa, que os bandidos do Couceiro atacassem Chaves e Valença, que aparecessem cortadas as linhas, dinamitadas as pontes, que se fizesse a monarquia de Azoia e se praticassem os assassinatos monarquicos de Cabeceiras de Basto!

A quadrilha dos inocentes!

Recordemos:

O ultimatum; as condenações de 31 de janeiro;

— A lei de 13 de fevereiro;

— As tranquibernias eleitorais do Peral e da Azambuja;

— As negociatas dos Tabacos;

— A questão dos Sanatorios;

— A questão Hinton;

— Os adeantamentos;

— A ditadura franquista;

— Os morticinios de 4 de maio, 1 de dezembro, 18 de junho e 5 de abril;

— As perseguições ás associações secretas;

— As obras nos paços reais;

— Os roubos do Credito Predial, etc., etc., etc.

E restaure-se a monarquia!

Paiva Couceiro

Como ele cumpriu a sua palavra...

O sr. dr. João de Menezes publicou ha dias na *Luta* as seguintes cartas de Paiva Couceiro, a primeira das quais dirigida ao governo provisorio e a segunda ao proprio sr. dr. João de Menezes:

Ao governo provisorio—Réconheço as instituições que a nação reconhecer, porque—antes da proclamação da Republica—ponho a patria acima de tudo, e **sou contrario á desordem e ás lutas fratricidas.** Abandono as fileiras do exercito, porque o soldado que durante uma já longa existencia tem vertido o sangue do corpo e da alma pela bandeira azul e branca, onde as quinas e os castelos retraçam a historia gloriosa de Portugal—não tem forças para largar o simbolo sacrosanto que desde sempre se habituou a trazer plantado no intimo do peito. Como cidadão—**permanecerei fiel, em espirito e em actos,** á crença do resurgimento nacional, **pela paz** e pelo trabalho de todos os portuguêses, unidos numa só consciencia da nação que quer viver honrada, independente e progressiva. Patria e Liberdade!—Outubro, 8-1910.—*H. de Paiva Couceiro.*

=†=

21 de novembro,—*Meu ex.mo amigo.*—Vi-me proposto ou indigitado ou quer que seja, no jornal, para umas comissões do ministerio do ultramar. Na hipotese disso realmente significar propositos efectivos, entendo, visto que agora sou cidadão livre e não funcionario, que contaram, e contaram bem, com a minha boa vontade de não me negar ao trabalho quando o julguem necessario. Mas dá-se o caso de que preciso tratar da minha vida, e tenho o tempo tomado todos os dias do 1|2 dia ás 4 1|2, etc. Como não desejo que uma negativa seja tomada á conta de má vontade, antecipo-me pedindo-lhe o favor—se isso está nas suas mãos—de interceder por fórma a que pelos motivos expostos se esqueçam de mim.

Sabe bem que desejo do fundo do coração que a Republica conduza a bom porto esta avariada náu, e que não é portanto por espirito de antipatia que me esquivo, embora na verdade a Republica se esteja apresentando por hora—como o caso da bandeira o prova—um tanto verde . . . e vermelha. Gente de paz, como eu, gosta de tempos mais claros. Mais brancos e mais azues. Emfim, se me puder fazer o favor que peço, agradeço.—Amigo certo, *Paiva Couceiro.*

Adeantamentos! Adeantamentos!

Viva a monarquia!

Recordemos;

Debito verificado pela comissão que apresentou a liquidação em 1895 . . .	227.000$000 rs.
João Franco em 1890 . . .	40.000$000 »
A. J. da Cunha, Dias Ferreira e Fuschini (91-93)	160.000$000 »
Hintze Ribeiro (1894-1896) .	369.000$000 »
Espregueira (99-900 e 904-905)	376.500$000 »
Anselmo de Andrade (1900) .	31.500$000 »
Matoso Santos (1901-1903) .	896.000$000 »
Teixeira de Sousa (903-04 e 906)	164.000$000 »
Rodrigo Pequito (1904) . . .	107.000$000 »
P.ª Garcia (1906)	1.800$000 »
Schroeter (1906)	28.000$000 »
Martins de Carvalho (1907). .	121.000$000 »
Total	2.521:800$000 »

Republica e monarquia

«Mais humanos que os conservadores de Espanha, os republicanos portuguezes não fuzilarão os reus politicos.

Esta benignidade do Governo Portuguez pode pôr-se em confronto com a crueldade com que se trataria em Espanha um identico caso de rebelião. A estas horas não teriam já conta os fuzilamentos!»

(Da *España Nueva*).

Expediente

Aos nossos assinantes da Africa e do Brazil, pedimos a fineza de nos enviarem, com a possivel brevidade, a importancia das suas assinaturas.

Francisco M. Couceiro da Costa

A cidade acaba de perder um dos seus filhos mais ilustres. Francisco Manuel Couceiro da Costa, fidalgo em toda a acepção da palavra, chefe de uma respeitavel familia, numerosa e distinta, gosava da consideração de todos os aveirenses que por ele tinham a mais respeitosa estima. O seu funeral foi bem a prova de quanto ele era venerado nesta cidade que, como dissémos, se honrava de o contar no numero dos seus mais ilustres filhos.

A redacção da *Liberdade* apresenta á familia Couceiro da Costa a expressão sentida das suas condolencias.

Seguem alguns dados biograficos do extinto:

Nasceu em Aveiro a 16 de setembro de 1819 e sucedeu a seu pae Luiz Couceiro da Costa, um dos bravos da guerra peninsular, na casa e vinculo de Vilarinho, na freguezia de Cacia, de que foi o ultimo administrador, em 1848.

Os Couceiros, administradores deste vinculo, cuja origem vem dos meados do seculo XV, a principiar em Diogo Vaz Couceiro, a quem D. Afonso V fez mercê do padroado da egreja de S. Julião de Cacia por relevantes serviços prestados á patria, andaram sempre nos primeiros cargos da governança em Aveiro, em tempos idos. Ocuparam no exercito e nas armadas, nas descobertas e nas conquistas dos portuguêses logar primacial. Serviram depois brilhantemente na India e no Brazil onde desempenharam elevados cargos de magistratura e dos governos destes estados. Mais tarde distinguiram-se imenso nas campanhas do Roussilon e da Peninsula. Trouxeram por armas o mesmo brazão, que agora coberto de crepes, se vê no cunhal da casa da rua do Gravito; escudo partido em pala nas primeiras tres couceiras entre as cabeças de dois leões, e na segunda seis costas de prata, postas em tres faxas.

Apesar de muito novo ainda, F. Manoel Couceiro assistiu ao desenlace da luta entre constitucionais e miguelistas. Seu pae que era coronel do Batalhão de Voluntarios Realistas de Aveiro foi um dos vencidos, mas não transigiu com a nova ordem de cousas resultante do triunfo dos primeiros. Conservou entemerata a sua fé politica, que principiou logo de lha encutir no animo juvenil. A esse credo se conservou tambem fiel o herdeiro de seu nome, o que não obstou a que transigisse com tudo o que representava progresso para o paiz ou melhoramento para o seu Aveiro. Aliou-se por vezes com os homens do partido liberal mesmo os de ideias mais avançadas, o sr. Francisco Manuel Couceiro, *bernardeou* com eles e serviu com eles em comissões publicas, batalhou com eles nas lutas eleitorais e com eles viveu como amigo desinteressado e bom.

Foi por vezes procurador da junta geral, vogal do conselho de distrito, e de diferentes comissões de agricultura, geriu o municipio como seu presidente em 1892 mostrando em tudo apreciaveis dotes de talento, administração e elevado criterio.

"A Liberdade,, vende-se em Agueda no estabelecimento do sr. Fausto Camossa"

Rendimento da pesca das companhas durante o mez de junho de 1912:

Espinho	4.181:210
Paramos.	3.022:200
Esmoriz	1:114:660
Furadouro	4.600:510
Torreira	2.322:895
S. Jacinto.	3.511:130
Costa Nova.	1.505:210
Vagueira	1.289:010
Mira	3.714:970
Soma:	25.261:695

Edital

O sr. Julio Cesar Ribeiro d'Almeida, ilustre governador civil de este distrito, mandou ha dias afixar nos principais logares publicos, o seguinte edital:

Julio Cesar Ribeiro d'Almeida, 1.º Tenente d'Armada e Governador Civil efectivo do distrito de Aveiro, etc:

Para conhecimento de todos os cidadãos, faço publica a seguinte portaria de s. ex.ª o Ministro do Interior, cuja execução deverá ser rigorosamente mantida neste distrito:

Tendo sido informado de que, nos ultimos dias, alguns individuos não investidos de autoridade teem arbitrariamente procedido a buscas domiciliarias e a prisões fóra dos casos expressamente consignados na Constituição com grave prejuizo da segurança e com desprezo das garantias individuais dos cidadãos, manda o Governo da Republica Portuguêsa, pelo ministro do interior, que ás autoridades seja suscitada a observancia das leis vigentes, tornando-se publico por editais convenientemente afixados, que serão impostas as penas da lei aos autores e cumplices de semelhantes abusos.

Paços do Governo da Republica, em 16 de julho de 1912.—O Ministro do Interior, —*Duarte Leite Pereira da Silva.*

Dado e passado no Governo Civil do Distrito de Aveiro, em 17 de julho de 1912.

Julio Cesar Ribeiro de Almeida.

CONTOS E ROMANCES

9) Folhetim de A LIBERDADE

ZOLA

O Fuzilado

III

Não se afastava do quarto onde tinha fechado o Domingos. Por volta das sete horas, teve uma comoção lancinante: viu o oficial entrar no quarto do prisioneiro, e, durante um quarto de hora, ouviu elevarem-se as duas vozes. Houve um momento em que o oficial apareceu á porta para dar uma ordem em alemão, ordem que ela não compreendeu; mas, ao ver doze Prussianos enfileirarem-se no pateo, de espingarda no braço, colheu-a uma tremura, sentiu-se desfalecer. Não havia remedio, ia ter logar a execução. Os doze homens estiveram assim dez minutos, a voz de Domingos continuava a elevar-se num tom de violenta recusa. Por fim o oficial saíu, fechando brutalmente a porta e dizendo:

—Pense, pense bem... Dou-lhe até ámanhá pela manhã.

E com um gesto, fez destroçar fileiras aos doze homens. Francisca estava ainda atarantada. O tio Merlier, que tinha continuado a fumar o seu cachimbo, olhando o pelotão com ar de simples curiosidade, foi buscala pelo braço, com paternal doçura, e levou-a para o seu quarto.

—Socega,—disse-lhe ele,—vê se dormes... A'manhã tambem é dia, e então veremos o que se pode fazer.

Ao retirar-se, fechou-a á chave prudentemente. Tinha ele por principio que as mulheres não servem para nada, e estragam tudo em se metendo nalgum negocio serio. Comtudo, Francisca não se deitou. Esteve muito tempo sentada na cama, escutando os rumores da casa. Os soldados alemães, acampados no pateo, cantavam e riam; naturalmente, estiveram comendo e bebendo até ás onze horas, porque a enferneira nem um momento cessou. No moinho, mesmo, resoavam de tempos a tempos passos pesados, certamente das sentinelas que se rendiam. Mas o que sobretudo a interessava, eram os ruidos que podia perceber no quarto que ficava por baixo do seu. Muitas vezes se deitou no chão, aplicando o ouvido ao soalho. O compartimento inferior era justamente aquele onde tinham encerrado o Domingos. Ele andava certamente passeando da parede para a janela, porque longo tempo ouviu a pequena cadencia regular do seu passeio; depois, fez-se grande silencio, decerto se tinha sentado o prisioneiro. De resto, os rumores tinham cessado, tudo adormecia. Assim que lhe pareceu que a casa estava pegada no somno, foi abrir a janela o mais devagarinho possivel, e recostou-se.

Lá fóra, era de uma tepida serenidade a noite. O delgado crescente da lua, que descaía para traz das matas de Sauval, derramava pelos campos uma claridade de lamparina. A sombra estirada das grandes arvores tracejava de pretos lameiros, emquanto que a erva, nos pontos descobertos, tomava a macieza de um veludo esverdinhado. Mas a pequena nem sequer atentava no misterioso encanto da noite. Estudava o campo, buscando as sentinelas que os alemães deviam ter postado a espaços. Via perfeitamente as suas sombras escalonarem-se ao longo do Mourele. Só havia uma defronte do moinho, da outra banda do rio, ao pé de um salgueiro cujos ramos mergulhavam na agua. Francisca distinguia-o perfeitamente. Era um rapagão que se conservava immovel, de rosto voltado para o ceu, na atitude scismadora de um zagal.

Então, tendo assim inspecionado os logares com cuidado, voltou a sentar-se na cama. Para ali esteve uma hora, profundamente absorta. Depois, poz-se de novo á escuta:—a casa nem respirava sequer. Voltou á janela, a deitar uma vista de olhos; mas decerto lhe pareceu incomodativa uma das pontas do crescente que ainda assomava detraz das arvores, porque se poz de novo á espera. Afinal, pareceu-lhe chegada a hora. Com a noite assim tão negra, nem ela viu a sentinela fronteira. O campo alagava-se como um immenso tinteiro.

(Continúa.)

Todos os ómens e meninos podem vestir com elegancia e perfeição pelos figurinos e moldes de Londres desde que peçam as amostras ao

Old England

Rua Augusta--**LISBOA**

Faz os fatos SEM PROVA e restitue a importancia ao cliente que não ficar satisfeito.

Peçam amostras, catálogo e jornal que são enviados gratis

Old England--Lisboa

Tem todos os artigos para ómens e meninos, desde o chapeu até ás meias.

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor-**ALBERTO SOUTO**

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.
Não se devolvem autografos.
Não se aceita colaboração que não seja pedida.
Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)
Brazil (moeda forte)
outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

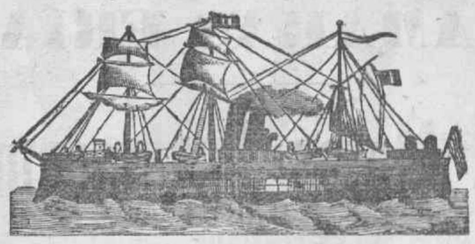
Linha . . . . . 40 réis
Anuaes, contrato com a administração.

Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)
Impressão a vapor
LARGO CAMÕES
Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

Hamburg Suedamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMERIKA-LINIE



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

HOTEL EM VALE DA MÓ

Abriu no dia 1.º de julho em Vale da Mó o *Novo Hotel União*, de que são proprietarios os srs. **Ferreira & Alegre,** que se comprometem a bem servir os seus estimados freguezes.

Os frequentadores daquela aprazivel estancia daguas ferreas encontrarão no novo hotel boa meza, quartos confortaveis e asseados e modicidade de preços.

Para pedidos de aposentos dirigir a **Ferreira & Alegre, ANADIA — Vale da Mó.**

VENDEM-SE 3 toneis de 12 pipas cada. Quem pretender dirija-se a Luiz da Naia e Silva—**Aveiro.**

Arrematação

(2.ª publicação)

POR deliberação dos interessados, nos autos de inventario de maiores, a que neste Juizo e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo, se procedeu por falecimento de José de Bastos, solteiro, proprietario, que foi morador na freguezia de Esgueira, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Manuel de Bastos, casado, artista, irmão do falecido, residente na mesma freguezia, vai pela primeira vez á praça, no dia 28 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, para ser arrematado por quem mais oferecer acima da sua avaliação, que é o preço por que vai á praça, o seguinte predio pertencente á herança do inventariado:

Uma propriedade rustica e urbana, composta de casas altas, quintal com arvores de fruto, e demais pertenças livre e alodial, sita na rua da Cruz, da freguezia de Esgueira, no valor de réis 630:000. Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despesas da praça são por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaisquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alodida arrematação para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 8 de julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Regalão.

O escrivão do 4.º oficio,
João Luiz Flamengo.

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

Cunicultura

Coelhos japonezes ou triculores, puros. Raça de 1.ª qualidade pela sua fecundação e desenvolvimento. Esta raça produz de cada parto 7 a 8 coelhos de excelente carne e de pronto desenvolvimento.

Cada exemplar ao desmamar	500 réis
Dos tres para quatro mezes . .	800 »
A criar cada	1:000 »
Coelhas cheias cada	2:000 »

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Na anemia, febres palustres ou sezões, tuberculose

e outras doenças provenientes ou acompanhadas de FRAQUEZA GERAL, recomenda-se a

Quinarrhenina

EXPERIENCIAS feitas por inumeros clinicos nos hospitais do paiz e colonias confirmam ser o tonico e febrifugo que mais sérias garantias oferece no seu tratamento. Aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradavel ao paladar.

Instrucções em portuguez, francez e inglez. A' venda nas boas farmacias.
Em Aveiro—**Farmacia Reis.**
Em Anadia—Farmacia Maia.
Deposito no Porto—Farmacia Rica, Rua do Bonjardim, 370. Deposito geral—Farmacia Gama, C. da Estrela, 118—Lisboa.

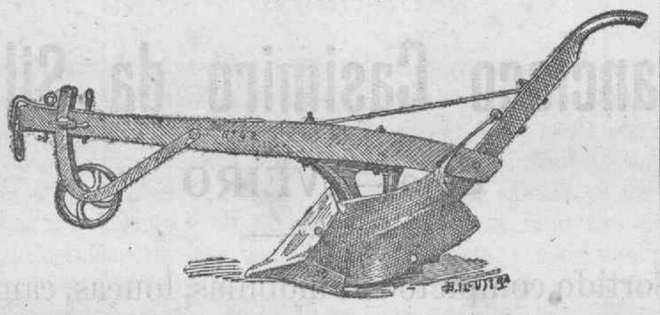
Tosses Curam-se com as *Pastilhas do Dr. T. Lemos.* Depositos: os mesmos da **Quinarrhenina.**

Empreza Industrial Portugueza

SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13
Avenida das Côrtes, 47 a 49

LISBOA



Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côrtes, 47 a 49

Lisboa

Escritorio de Advocacia e Procuradoria

Assuntos forenses, comerciais e civis

Sob a direcção dos advogados:

Carlos Barbosa
=E=
Chaves de Almeida

R. Augusta, 100-2.º—LISBOA

Telefone 2650

Este escritorio trata de quaisquer causas em todos os tribunais e instancias.

Encarrega-se tambem da administração de bens, cobrança de dividas, publicação de anuncios no *Diario do Governo*; averbamentos na Junta de Credito Publico, Bancos e Companhias; processos de liquidação de seguros, acompanhamentos de pretenções em repartições publicas; legalisação de documentos, etc.

Brilhantina especial para goma crua

FRASCO, 240 RÈIS

Livraria Central e Papelaria
DE
Bernardo Torres

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na tabacaria Monaco, ao Rocio.

URNAS FUNERARIAS

DEPOSITO d'urnas funerarias dos mais modernos gostos, de diferentes madeiras e formatos.

Fundições, da melhor execução, duma casa do Porto.

Elegancia e preços sem competencia.

Manuel Pereira de Rezende

PRAÇA DE PARDELHAS

ESTARREJA

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe

AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru. Azeite de peixe. Utensilios para amanho de barcos. Cordoame e poleame.

Licôres e aguardente.

Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas.

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Oficina de pintura

Modelação em gesso

Joaquim Ferreira Barreto (O VIDINHA)

Rua Domingos Carrancho (Cinco Ruas)

AVEIRO

NESTA oficina executam-se todos os trabalhos de pintura com a maior perfeição e arte, tais como: taboletas para estabelecimentos, desde o mais simples ao mais complicado trabalho; pintura de bicicletas. cofres, camas, lavatorios, jarros, baldes, regadores, bidets, banheiras, candieiras de suspensão, de parede, etc., e outras miudezas que careçam de pintura. Além dos trabalhos citados, encarrega-se da pintura de camas, por mais deterioradas que estejam, mandando-as concertar, e substituindo os metais velhos por novos. Tambem na pintura de bicicletas se esmera em servir bem as seus ex.mos freguezes pelo bom acabamento e perfeição.

O proprietario desta oficina achava-se habilitado a todos os trabalhos que lhe forem confiados, não só em pintura como em modelação, fundição em gesso e reprodução em bustos, medalhões, etc. Encarrega-se tambem de obras com pintura e estuque, fornecendo para as mesmas os ornamentos precisos, para ornamentação de salas, quartos e outras dependencias, para o que possue um grande e variada numero de cantoneiras, florões, folhas, rendilhos, etc. Tambem faz modelos novos, por desenhos, a gosto dos clientes ou do proprietario da oficina, e fornece ornatos fundidos e apurados prontos a assentar em qualquer obra ainda que lhe seja estranha! Faz imitações muito aproximadas do natural (fingido) em qualquer qualidade de pedra, marmore ou granito, e bem assim em madeira.

Exposição permanente de originais em gesso e de algumas fotografias de diversos trabalhos feitos pelo proprietario desta oficina, os quais poderão ser apreciados pelos seus freguezes.

Pede, pois, aos seus ex.mos clientes que visitem o seu estabelecimento, onde encontrarão economia e perfeição no serviço de que fôr encarregado, para o que está habilitadissimo.

Preços sem competencia

Tabela de preços da pintura de bicicletes

Quadro, rodas e guarda-lamas	2$000 réis
Vindo já convenientemente raspadas e lixadas . . .	1$800 »
Quadro e rodas	1$800 »
Já convenientemente raspadas e lixadas.	1$600 »

Sem filetes, menos 200 réis. Sendo desarmada e armada nesta oficina, mais 200 réis.

A pintutura é feita ao gosto do freguez, responsabilisando-se o proprietario da oficina pelo bom acabamento.

Fabricas de gelo

CAMARAS FRIAS

J. Matos Braamcamp

Engenheiro de Frigorificos

Rua Aurea, 232, 1.º—LISBOA
Rambla del Centro, 14—Barcelona

Instalação completa de Leitarias—Fabricas de cerveja—adegas—fabricas de chocolate, etc., etc.

Algumas referencias: Fabrica de cerveja JANSEN; Fabrica de Conservas BRANDÃO GOMES; Fabrica de Gelo de Santarem, Angra, Faro, Beja, Evora, Figueira, Coimbra, etc. A NUTRICIA, de Lisboa; Grande Hotel de Vidago; Escola Medica de Lisboa, Assistencia Nacional aos Tuberculosos; Grande Frigorifico de Bilbao, etc.

BOMBAS COM MOTOR

MUITO ECONOMICAS

Luz electrica

Nas casas de campo, aldeias e vilas

Ultima palavra — **Fafnir**

Algumas referencias: **José Tavares da Silva Rebelo—SALREU, ESTARREJA. J. Carlos Barros, engenheiro electricista—FIGUEIRA DA FOZ.**

Motocicletes N.S.U.

A melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa.

O agente nos distritos de Aveiro e Vizeu:

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha

HOTEL CISNE

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com aceio e magnificas vistas.

PREÇOS MODICOS

PROFESSOR DE FRANCÊS

Ensina na sua casa e na dos alunos.

Nesta redacção se informa.

Colegio Moderno

P. Marquez de Pombal

AVEIRO

A direção deste colegio montado nas melhores de mais modernas condições pedagogicas, de higiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor instalação e as melhores condições de aproveitamento.

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo de S. Torres

Praga do Comercio

AVEIRO

Livraria, papelaria e oficina de encadernação. Grande sortido de papeis nacionais e estrangeiros. Objectos para escritorio, desenho e pintura. Tabacos nacionais e estrangeiros. Livros em branco para escrituração comercial. Artigos para brindes. Chá em pacotes.

Deposito de tintas para escrever, marca **D. Pedro IV.**

Fornecimentos para escolas.

Sempre novidades em bilhetes postais ilustrados e com vistas de Aveiro.

Cervejas e gazozas,

Cordas para instrumentos.

Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.

Sabonetes nacionais e estrangeiros.

Pós e pasta para dentes.

Loções para o cabelo e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAIS

Deposito de moveis, colchoaria e marcenaria

DE

Francisco Casimiro da Silva

Côjo—AVEIRO

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Oficina para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.

Oficina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e cristaes. Louças finas e bijouterias.

PREÇOS MODICOS

Novidades para verão

Eduardo Osorio

56, Rua dos Mercadores, 60—13, Rua Mendes Leite, 21

AVEIRO

ABERTURA DA ESTAÇÃO

com um variado e grande sortido, escolhido nas principais casas.

Tecidos de alta novidade em algodões, lãs e sêdas para vestidos.

Grande variedade em sêdas e guarnições.

Blouses, echarpes, sombrinhas e cintos, grande sortido.

Grande deposito de espartilhos, ultimos modelos.

Kimonos, a maior novidade, grande sortido.

PREÇOS MODICOS

Enviam-se amostras

Motos F. N.

A quem procure empanar o colossal triunfo da moto **F. N.** *conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o sucesso ao incendio na maquina do concorrente, podemos responder triunfantemente que nesta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada maquina, como tambem a sua construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca* **F. N.** *sobre todas as outras, porque só ella, com a sua sólida construcção, poderia resistir a todas as eventualidades que surgem num percurso tão longo, sobretudo numa epoca de tão rigorosa invernia.*

Agente exclusivo da marca **F. N.** no distrito de AVEIRO,

Joaquim Guerra—AGUEDA

Estação de Verão

A ELEGANTE

FAZENDAS E MODAS — **Camisaria E gravataria**

=DE=

Pompeu da Costa Pereira

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

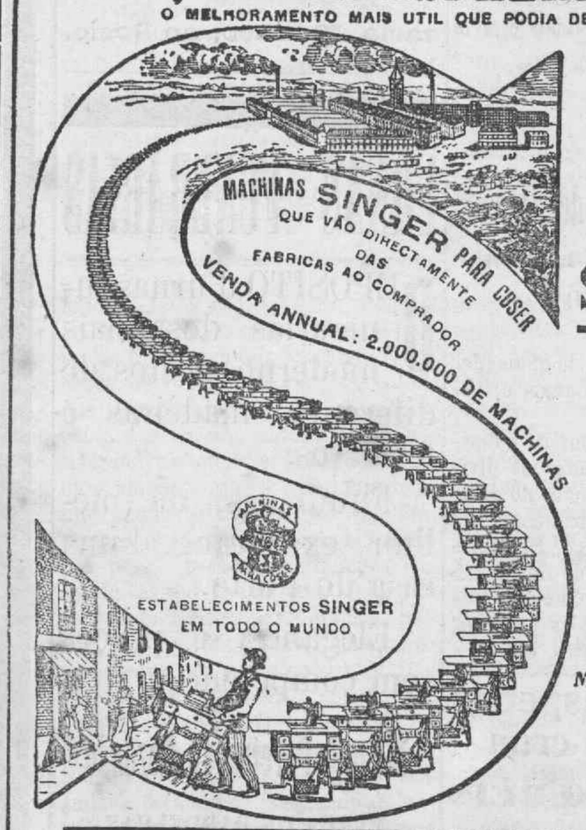
Preços modicos

Alberto João Rosa

Rua Direita—AVEIRO

GRANDE armazem de drogas e ferragens. Tintas e oleos de primeira qualidade. Vidraça, cobre, chumbo e arame. Adubos quimicos e organicos. Sulfato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.

Mercearia e confeitaria

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de frutas secas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras. Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS P. GUIMARÃES

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO